

RAQUEL LUCY BOFF

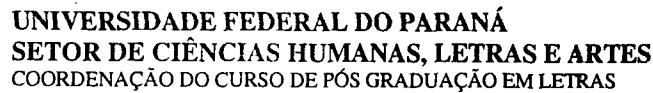
**EM BUSCA DE UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA
PARA CONSTRUÇÕES COM O VERBO *COMEÇAR*
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José G. D. Foltran

CURITIBA

2003




Dr.ª Maria José Gnatta Dalcuche Foltram

Dr. José Borges Neto

Raquel Lucy Boff



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

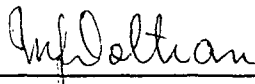
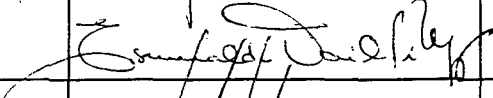
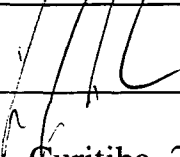
PARECER

Defesa de dissertação da mestranda RAQUEL LUCY BOFF para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

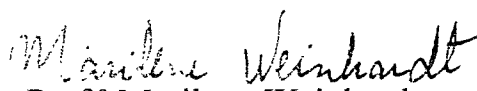
Os abaixo assinados Maria José Foltram, Esmeralda Vailati Negrão e José Borges Neto argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“EM BUSCA DE UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA PARA A CONSTRUÇÃO COM O VERBO COMEÇAR EM PORTUGUES BRASILEIRO”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Maria José Foltram		A
Esmeralda Vailati Negrão		A
José Borges Neto		A

Curitiba, 28 de março de 2003.


Prof.^a Marilene Weinhardt
Coordenadora

*A você, Artur,
dedico a versão final deste trabalho.
Ninguém, além de você, mereceria
ocupar esse espaço porque sua atitude
sempre foi a de colocar
em primeiro lugar a pessoa chamada Raquel,
muito mais que as possíveis
habilidades intelectuais que eu pudesse ter.
Você sempre teve um olhar humano sobre mim
e sempre compreendeu as minhas limitações,
sem deixar de confiar nas minhas potencialidades.
Sempre soube elogiar e criticar, fazer-me aprimorar
e crescer. Você jamais desmereceu, como muitos, meus
interesses de pesquisa, tampouco julgou insensata a área
de conhecimento na qual me aventuro. Nestas páginas estão,
certamente, as marcas do apoio que me ofereceu,
um apoio que ninguém soube ou pôde dar da mesma
maneira. Obrigada por ter compartilhado
comigo a maior parte das angústias da
produção deste texto. Obrigada pelos exemplos
comentados, pelo convívio intelectual e pela
intenção permanente de me auxiliar quando
já me faltavam forças. Obrigada pelo afeto,
pelo estímulo e pela confiança, vindos na forma de
uma contínua validação, de um ombro compreensivo,
e de palavras sempre animadoras. Não importa em que
lugar você esteja agora, a você
envio o meu reconhecimento e a minha saudade.*

AGRADECIMENTOS

Às amigas

A Luciely Proença Campos e Marcelle Cristiane de Castro Lima Cziuliskowski, colegas no Curso de Letras e amigas no curso da vida, pelo primeiro incentivo que deu forma a este trabalho. Sem vocês, talvez eu jamais tivesse me aventurado pelo mundo da pesquisa acadêmica e sequer tivesse descoberto quão infima é a minha parcela de saber.

A Ana Dombrowski pela inestimável amizade, pelas conversas alegres que tantas vezes me fizeram esquecer dos problemas. Poucos têm tantas afinidades como nós, dádiva pela qual sempre devemos agradecer.

Aos pais

A meus pais, Osvaldo e Velucia Maria Boff, que me proporcionaram desde muito cedo conhecer o valor da família e fazer disso um alicerce para o meu crescimento como ser humano. Agradeço por terem sempre me incentivado a estudar e por nunca terem colocado limites no meu aprimoramento intelectual.

Aos professores e colaboradores

À Professora Maria José Gnatta Daltuche Foltran, minha orientadora, por todo o apoio acadêmico para a efetivação deste trabalho e pela amizade constante. Aprendi com você que é possível escrever uma dissertação sobre um tema que, a princípio, não nos permitiria sequer escrever uma página. Obrigada por sempre me incentivar a ir além.

À Professora Ligia Negri que, na vida acadêmica, foi quem primeiro me abriu os olhos para os caminhos da Lingüística e fez despertar em mim uma doce paixão pela linguagem.

À Professora Cláudia Mendes Campos, pela força que me deu em um momento de crise e por regar em mim o amor pela língua e pela educação. Seu incentivo me fez adentrar mais e mais os caminhos da pesquisa acadêmica. A você, minha eterna gratidão.

À Professora Sandra Mara Silvério (in memoriam) por ajudar a iluminar hipóteses e a desenvolver idéias. Aprendi que a sua ausência não é total porque restaram para mim os seus ensinamentos. O pouco tempo de convívio que tivemos não impediu que eu aprendesse muito. Jamais esquecerei da sua simplicidade e do seu sorriso sempre presente. Obrigada pelo parecer favorável, quando da entrega de meu projeto de pesquisa, mas sobretudo por todos os comentários que fez a respeito dele.

Aos professores José Borges Neto, Adelaide H. P. Silva e Teresa Cristina Wachowicz, membros da banca de meu exame de qualificação, pela contribuição inestimável à versão final deste trabalho. Sinto-me extremamente honrada de ter podido contar com a contribuição de pessoas que não deixam o brilho de suas inteligências se sobrepor ao modo simples e humilde de agir.

A Patrícia de Araújo Rodrigues por uma contribuição infinita à versão final deste estudo. Obrigada pelos textos que me trouxe, por discutir impressões de leitura, por me ajudar a refletir mais e mais sobre o meu objeto de pesquisa, questionando idéias e exemplos.

A Valéria Vaz Boni pelo coleguismo presente durante todo o curso de Mestrado, pelo livro precioso que deixou em minhas mãos, me ajudando a desbravar os primeiros "terrenos" da teoria gerativa e por me auxiliar a elucidar dúvidas de tradução. Apesar da distância física, estivemos sempre próximas.

Às instituições e às pessoas que as representam

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que, financiando a minha pesquisa, concretizou um sonho.

A todo o corpo docente da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, pela inestimável contribuição à minha formação. Essa universidade, a primeira do Brasil, é a que, do alto de seus 90 anos, fez de mim uma profissional e uma pesquisadora. Foi nesse ambiente, no convívio com seus professores, funcionários e alunos, que pouco a pouco fui me atrevendo a mergulhar no complexo mundo do conhecimento.

Ao Odair, pela resolução competente de tantos problemas.

*Começar de novo
e contar comigo
Vai valer a pena
ter amanhecido
ter me rebelado
ter me debatido
ter me machucado
ter sobrevivido
ter virado a mesa
ter me conhecido
ter virado o barco
ter me socorrido*

Ivan Lins/ Vítor Martins

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - A delimitação do objeto: perífrases com o verbo <i>começar</i> no português brasileiro	5
1.0 Introdução	5
1.1 A análise semântica de Dascal e sua importância para este estudo	7
1.1.1 <i>Por que buscar uma análise sintática?</i>	12
1.2 A questão da auxiliaridade	16
CAPÍTULO 2 - A aspectualidade do verbo <i>começar</i>	27
2.0 Introdução	27
2.1 <i>Começar</i> como verbo aspectual	29
CAPÍTULO 3 - A análise do problema à luz da sintaxe	37
3.0 Introdução	37
3.1 A hipótese de <i>começar</i> como verbo leve	38
3.1.1 <i>A noção de verbo leve</i>	38
3.1.2 <i>A noção de verbo leve aplicada às perífrases com o verbo <i>começar</i></i>	42
3.2 A hipótese de <i>começar</i> como verbo inacusativo	49
3.2.1 <i>A noção de inacusatividade</i>	49
3.2.2 <i>A noção de inacusatividade aplicada às perífrases com o verbo <i>começar</i></i>	55
3.3 A estrutura sintática de verbos aspectuais segundo Rochette	59
CAPÍTULO 4 - Reflexão final sobre as perífrases com <i>começar</i>	64
4.0 Introdução	64
4.1 A complementação do verbo <i>começar</i> e a estrutura sintática de uma perífrase	67
CAPÍTULO 5 - Considerações finais	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

APRESENTAÇÃO

Este trabalho pretende levantar algumas questões de ordem sintática em relação às construções de começar + a + infinitivo e de começar + gerúndio no português brasileiro (PB). Partindo da análise oferecida por Dascal (1982)¹, para quem as "perífrases"² de *começar* com infinitivo e com gerúndio eram partes de um mesmo fenômeno semântico (i. e., "indicadores de fase"), este trabalho sugere que essas construções não apresentam as mesmas estruturas sintáticas. Ou, mais especificamente, que infinitivo e gerúndio não possuem o mesmo *status* na configuração sintática dessas construções.

Analisa-se, para isso, duas hipóteses: a de que *começar* possa funcionar como um verbo leve numa estrutura complexa (concha-VP³, tal qual foi proposta por Larson (1988)) e/ou que *começar* possa ser um verbo inacusativo. Leva-se em conta também o fato de as noções de verbo leve e de inacusatividade parecerem se sobrepor⁴, já que ambas se baseiam na defectividade da

¹ O estudo de Dascal considerou não só as construções com *começar*, de especial importância para esta pesquisa, mas também as com os verbos *acabar*, *parar* seguidos de infinitivo, gerúndio, particípio, adjetivo e/ou substantivo.

² O termo "perífrase verbal" está sendo livremente usado aqui, mas será submetido à análise na seção 1.2.

³ VP = *verbal phrase* (sintagma verbal)

⁴ Embora sejam noções diferentes, parece haver um ponto que une os dois conceitos. Tanto um verbo inacusativo, como um verbo leve são dotados de certa defectividade temática. Apesar de haver questionamento por parte de alguns autores, *a priori* um verbo leve é tematicamente vazio e só poderá atribuir papel temático ao argumento externo e combinação com outro elemento. A seleção argumental parece ficar mais a cargo do composto como um todo. Um verbo inacusativo exibe, na SS (estrutura superficial), um argumento externo, mas esse argumento é, em verdade, gerado na posição de complemento interno. Não há, portanto, atribuição temática para o sujeito, o que caracteriza também, de certa forma, uma defectividade temática.

grade temática do verbo⁵. Faz parte da análise das hipóteses a observação de outros trabalhos feitos anteriormente, em especial a proposição de estruturas sintáticas para construções como as que são objetos de estudo na presente dissertação.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, o de analisar sintaticamente as perífrases formadas por começar + a + infinitivo e por começar + gerúndio, buscando refutar ou não a afirmação de que pertencem a uma mesma família, classificada por critérios semânticos como "indicadora de fase". Assim, faz-se necessária a investigação, à luz de critérios sintáticos, da possibilidade de oferecer um tratamento igualitário a essas construções, observando possíveis semelhanças e diferenças de caráter sintático-semântico entre elas. Além disso, cabe investigar se, nessas construções, o verbo *começar* se comporta como um verbo leve (e constitui parte de uma estrutura complexa - concha-VP), ou ainda se pode ser considerado um verbo inacusativo. O motivo maior dessa análise é o de propor um olhar sintático para as combinações de *começar* com gerúndio e com infinitivo, utilizando referencial teórico gerativista, em específico a Teoria de Princípios e Parâmetros.

A hipótese que motiva esta pesquisa é a de que as construções de começar + a + infinitivo e de começar + gerúndio não são casos de um mesmo fenômeno sintático, porque ainda que tenham sido tratadas como pertencentes à mesma família semântica, as duas construções apresentam diferenças de sentido⁶. Considere os seguintes exemplos:

⁵ Cabe ressaltar, entretanto, que embora todo verbo leve possa ser considerado inacusativo, não há possibilidade de afirmar o contrário, ou seja, que todo verbo inacusativo seja leve.

⁶ Isso não significa que haja biunivocidade entre semântica e sintaxe. Em outras palavras, as diferenças semânticas não se refletem obrigatoriamente na sintaxe, embora as diferenças de sentido observadas neste trabalho possam representar um ponto de partida para investigação de ordem sintática. Segundo Freed (1979: 64) "formas sintáticas particulares podem ser relacionadas a traços semânticos específicos", principalmente no caso dos verbos aspectuais porque "relações de pressuposição e consequência" ocorrem em uma estrutura sintática, mas não em outra.

- (1) Maria começou a cantar.
- (2) Maria começou por cantar.
- (3) Maria começou cantando.

Os exemplos (1) e (2) são construções do tipo começar + preposição + infinitivo, mas não são interpretadas da mesma maneira. No primeiro caso tem-se a interpretação de que Maria iniciou a cantoria de uma música qualquer. Já a sentença (2) leva a crer que se trata do início de uma sequência de atividades ou, em outras palavras, que a primeira de uma série de atividades foi a de cantar. A mesma interpretação de (2) pode ser dada à construção com gerúndio em (3), com a ressalva de que a sentença (2) tem preferência no português europeu (PE), ao passo que a (3) é mais usada no PB. Sobre esta última é importante frisar que, em construções deste tipo, há sempre a inferência de que "Maria começou *alguma coisa* cantando", como em (4) e (5) abaixo:

- (4) Maria começou a lavar a louça cantando.
- (5) Maria começou sua carreira cantando.

As nuances de significação existentes entre a sentença em (1) e as outras duas, em (2) e (3), são, aparentemente, de duas ordens: há diferença quando *começar* se combina com infinitivo em relação à combinação com gerúndio e, no caso das construções com preposição, há diferença quanto à preposição empregada. Diante de tema tão propício à investigação, este estudo objetiva apontar um caminho de pesquisa, de caráter sintático-semântico, para se comprovar ou refutar a idéia de que se tratam de fenômenos sintáticos distintos.

A primeira parte deste estudo visa a delimitar o objeto de pesquisa. Faz-se o levantamento de questões pertinentes ao tema (por exemplo, a questão da auxiliaridade), bem como da maneira

com que o assunto foi tratado semanticamente, com especial atenção ao trabalho de Dascal (1982). A intenção é apontar semelhanças e diferenças existentes entre as construções de *começar* com infinitivo e com gerúndio, a fim de embasar a idéia de que não são partes de um mesmo fenômeno sintático e que, por isso, merecem tratamento diferenciado.

O segundo capítulo se dedica a observar com maior cuidado a aspectualidade do verbo *começar*, uma vez que ele é assim tratado tanto nos estudos de auxiliaridade dos gramáticos tradicionais, como também nos trabalhos de seleção argumental e complementação sentencial na literatura lingüística.

O terceiro capítulo apresenta e analisa as hipóteses de inacusatividade e de verbo leve como alternativas para uma possível análise sintática dessas construções no interior do pensamento gerativista. Estuda-se ainda a estrutura sintática proposta por Rochette (1988) para sentenças contendo verbos aspectuais. Somente no quarto capítulo é que se faz uma breve síntese de todos os assuntos tratados no presente trabalho, relacionando-os, com vistas a sugerir uma estrutura sintática para cada uma das construções aqui estudadas. O quinto e último capítulo levanta ainda algumas questões sem solução, mas chama a atenção para o que se explorou nesse trabalho, em especial, a diferença entre *começar + a + infinitivo* e *começar + gerúndio*.

CAPÍTULO 1

A delimitação do objeto: perífrases com o verbo *começar* no português brasileiro

1.0 Introdução

O objeto recortado para esta pesquisa são as perífrases compostas por começar + a + infinitivo e por começar + gerúndio no PB. Elas são bastante frequentes em nossa língua, sendo que a construção mais habitual é a de começar + a + infinitivo (cerca de 80% delas, conforme estudo de Almeida (1980)). O que se pretende nesta dissertação é oferecer um tratamento sintático a essas construções, procurando observar até que ponto características semânticas se projetam na sintaxe.

A motivação para esta pesquisa provém do trabalho realizado por Dascal (1982), cuja abordagem será detalhada na próxima seção. Para o autor, construções como as que aqui são tomadas por objeto pertenceriam a uma mesma família semântica⁷ - a de "indicadores de fase". Embora Dascal realize uma boa reflexão sobre as perífrases a que se propõe estudar, ele reconhece a dificuldade de análise sintática dessas mesmas construções, conforme deixa claro no excerto seguinte:

⁷ O termo "família semântica" está sendo usado, neste estudo, com o sentido adotado por Dascal (1982), ou seja, trata-se de um conjunto de perífrases, cujos itens lexicais apresentam semelhanças semânticas (e.g. "indicadora de 'fase'").

Uma outra dificuldade, face a qual nos absteremos de tomar posição, deve ser pelo menos mencionada. Trata-se, de um modo geral, da questão da análise sintática correta das expressões aqui discutidas. Empregamos em nosso título o termo 'perífrase' com certa liberdade, parecendo assim pressupor que começar, acabar, etc. funcionam como auxiliares. Pode haver, porém, argumentos contra isso. De qualquer forma, a análise semântica aqui proposta não depende da adoção desta ou daquela análise sintática específica.(p. 149)

Duas questões são levantadas por Dascal neste trecho: (i) a dificuldade em se analisar as construções perifrásticas com algum rigor no âmbito da sintaxe e (ii) o fato de se considerar *começar* um verbo auxiliar, mesmo havendo problemas para definir o que seja uma "perífrase", termo usado pelo autor "com certa liberdade".

As duas questões são bastante profundas. Aceitando o desafio de Dascal, e seguindo o pensamento inquiridor de quem se depara com uma dúvida ainda sem resposta, é que este estudo se propõe a buscar uma análise sintática⁸ para estas construções, conforme formula a questão (i). Trata-se de uma disposição de pesquisa, levantamento de dados e hipóteses e conseqüente busca de respostas. Não se ambiciona fechar a questão, apresentando uma análise incontroversa, mas propor que se lance um olhar sintático sobre esse assunto instigante. Vale lembrar também que este estudo não pretende debruçar-se sobre a questão (ii), isto é, sobre a questão da auxiliaridade em si, mas certamente se trata de tema importante para o desenvolvimento da pesquisa aqui proposta. Sabendo disso é que se apresenta mais adiante, na seção 1.2, como a literatura lingüística tem abordado a questão dos verbos auxiliares.

⁸ A proposta é analisar sintaticamente sem, contudo, ignorar aspectos semânticos.

1.1 A análise semântica de Dascal e sua importância para este estudo

O trabalho de Dascal (1982) propõe uma análise semântica unificada para as perífrases compostas por:

<i>começar</i>			infinitivo
<i>acabar</i>	+	(preposição)	+ gerúndio
<i>parar</i>			particípio
etc.			adjetivo
			substantivo

Dascal classifica essas perífrases como indicadoras de fase⁹. Sua primeira observação diz respeito à interpretação dessas construções. Segundo ele, há uma quase sinonímia¹⁰ entre *começar* + gerúndio e *começar* + *por* + infinitivo, conforme os exemplos abaixo:

(6) Começou por varrer a sala.

(7) Começou varrendo a sala.

As duas sentenças apresentam "varrer" como a atividade exercida a princípio e sugerem que outras atividades vieram depois, como fica claro em (8) e (9):

⁹ Por razões de pertinência, só será considerada, no presente trabalho, a análise de perífrases com *começar*.

¹⁰ Sandra Mara Silvério, c. p., discordou da similaridade semântica de construções como (6) e (7), alegando que o evento é fechado em sentenças como (i), mas em (ii) não. Por se tratar de um evento fechado, ou seja, um evento que precisa se completar, a ação descrita na sentença (i) não é passível de interrupção (iniciar uma atividade e passar a outra) ao passo que em (ii) isso é possível:

(i) * Começou por varrer a sala, mas lembrou-se de tirar o pó primeiro.

(ii) Começou varrendo a sala, mas lembrou de tirar o pó primeiro.

É possível que a rejeição à sentença (i) ocorra em virtude do emprego da forma com "por", que não é de uso corrente no PB, embaçando as intuições do falante nativo. Como a diferença não é clara, optou-se por manter a posição de Dascal neste trabalho.

(8) Começou por varrer a sala mas, vendo os móveis empoeirados, dedicou-se a limpá-los.

(9) Começou varrendo a sala, mas, vendo os móveis empoeirados, dedicou-se a limpá-los.

A mesma opinião é apresentada por Almeida¹¹ (1980) em sua análise de perífrases constituídas de começar + preposição + infinitivo. Ao discutir as diferenças que ocorrem entre as perífrases de acordo com a preposição empregada, ele lembra a similaridade existente entre construções de começar + por + infinitivo e de começar + gerúndio:

Basta confrontar dois sintagmas como "comecei a falar" e "comecei por falar", para a evidência ao nosso espírito de seus pontos comuns e de seus pontos divergentes, o que há aí de conjunção e de disjunção. Se a inceptividade é comum às duas construções, ela se expressa em cada uma com propósitos diferentes. E a relação entre o auxiliante e o auxiliado acaba por se realizar de forma que a própria auxiliação tem de ser interpretada de maneira diversa. Há que, especificamente, observar a maior integração entre os elementos constitutivos da perífrase com a preposição *a*, enquanto que a preposição *por* se configura como um obstáculo entre a dinâmica do auxiliar e a do infinitivo, pondo em relevo a noção de dificuldade. Melhor poderíamos explicar com o exemplo:

"... e como se tivesse explicações a dar-me *começou por dizer* que se chamava Krauss" (A. Faria - RB, 86)

que o autor consegue, com o uso da preposição *por*, revelar a hesitação, a dificuldade do personagem Krauss para iniciar as suas explicações. Daí com razão Kloppel¹² explicar que o verbo infinitivo marca, nessa construção a primeira fase de uma ação mais ampla. O personagem Krauss, no exemplo de Almeida Faria, começou dizendo o seu nome, mas deveria dar outras explicações. Há como se percebe correspondência de sentido com a perífrase do mesmo auxiliar mais gerúndio.

Além da similaridade observada entre sentenças como (6) e (7), Dascal aponta, também, uma proximidade de significação em construções de começar + gerúndio e de começar + (preposição) + adjetivo/ substantivo/ NP¹³:

(10) O garoto começou tocando piano e chegou a maestro da orquestra.

(11) O garoto começou (como) pianista e chegou a maestro da orquestra.

¹¹ Cabe salientar que a abordagem de Almeida é de caráter funcional. Há, por vezes, no tratamento de seus exemplos (sempre excertos literários), uma análise estilística. Mesmo assim, considerou-se importante mostrar que este autor faz a mesma aproximação de Dascal entre as construções com a preposição *por* e as com gerúndio.

¹² *apud* Almeida (1980)

¹³ NP = *noun phrase* (sintagma nominal)

Ele ainda se refere a diferenças de significação que surgem entre as construções de começar + a + infinitivo e de começar + gerúndio, conforme discussão mais acurada que se apresenta no item 1.1.1.

Em relação às perífrases compostas por começar + a¹⁴ e por começar + por¹⁵, Dascal apresenta diferenciações de sentido, baseando seus estudos nos operadores 'become' e 'progressivo'¹⁶, propostos por Dowty¹⁷:

As perífrases com começar têm, como vimos, algo de "progressivo": elas descrevem a ação como estendendo-se, na direção do futuro, para além do intervalo ou instante inicial; mas tal continuação é apenas vista como possível (talvez provável), mas não necessariamente real (...). Por outro lado, assinalamos que começar é, semanticamente, um verbo télico. Ou seja, ele deve conter, como os demais verbos télicos, o operador BECOME. Duas das idéias de Dowty podem ser portanto parcialmente aplicadas a tais perífrases. Elas têm que ser complementadas, porém, por uma outra idéia já mencionada, a saber, a idéia da partição de uma ação em etapas sucessivas. O BECOME de começar não pode deixar de aplicar-se, no mundo real, pelo menos à primeira etapa da ação; caso contrário, não haveria propriamente "começo" dessa ação, sem prejuízo da veracidade da afirmação de que a ação começou. (p. 173 -174)

O foco da análise de Dascal está na divisibilidade em fases. Para ele, começar + a pode ser analisada de acordo com o tipo de infinitivo que a acompanha. Se for um verbo atético, ou

¹⁴ Definição semântica de Dascal (1982) para começar + a (p.174-175) :

"(COMEÇAR A (Φ)) é verdadeira num intervalo I1 , em um mundo possível w, se, e somente se:

(a) Existe uma partição temporal possível $\pi \Phi$ de Φ [$\Phi_1, \Phi_2, \dots \Phi_n$], contendo I1 e pelo menos outro elemento, não necessariamente distinto de Φ_1 ;

(b) (BECOME (Φ_1)) é verdadeira em I1 e em w;

(c) Existe um intervalo I' de limite inferior coincidente com o de I1, e tal que I1 \subset I', e existe um mundo possível w', idêntico a w em todos os instantes precedentes a e incluindo I1, no qual, ou

(c1) $\pi\Phi$ é tal que, para todo i, $\Phi_i = \Phi_1$, e Φ_1 é verdadeira em I'; ou

(c2) existe uma $\Phi_k \in \pi \Phi$, $K > 1$, tal que (BECOME (Φ_k)) é verdadeira em I' mas não em I1."

¹⁵ Definição semântica de Dascal (1982) para começar + por (p. 178):

"(COMEÇAR POR (Φ)) é verdadeira num intervalo I1, num mundo possível w, se, e somente se:

(a) Existe uma ação/ processo/ ocorrência Ψ e uma partição temporal possível $\pi \Psi$ [$\Psi_1, \Psi_2, \dots \Psi_n$], de Ψ , contendo Ψ_1 e pelo menos outro elemento, tal que $\Phi = \Psi_1$;

(b) (BECOME (Φ)) é verdadeira em I1 e em w; e

(c) existe um intervalo I', de limite inferior, coincidente com o de I1, e tal que I1 \subset I'; e existe um mundo possível w'', idêntico a w em todos os instantes precedentes a e incluindo I1, no qual, para todo $\Psi_i \in \pi \Psi$, $i > 1$ (BECOME (Ψ_i)) é verdadeira em I', mas não em I1."

¹⁶ O operador BECOME é componente dos verbos télicos (verbos que exprimem ações acabadas). Segundo Dascal (1982), se "Linda pintou um quadro", em um dado momento anterior à pintura do quadro *Linda não é pintora do quadro*, mas, com o uso do operador BECOME, *Linda passa a ser/ é pintora do quadro*. Já o operador PROGRESSIVO indica que "a ação descrita estende-se além do intervalo (ou instante considerado)." (p.173)

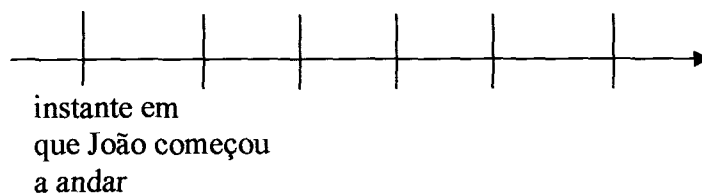
¹⁷ *apud* Dascal (1982)

seja, um verbo que não pressupõe uma etapa final, uma culminância, como *andar*, ao se dividir a ação, cada intervalo de tempo conterá o mesmo elemento. Ou, em outras palavras, a atividade realizada em cada intervalo de tempo vai ser a de andar, conforme (12) e (13):

(1) João começou a andar.

(2)

andar andar andar andar andar



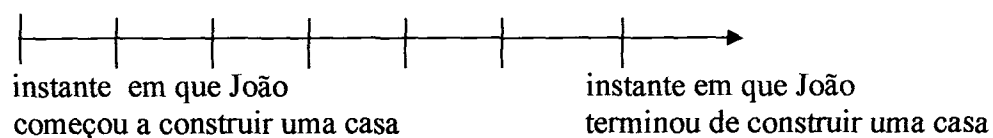
Se começar + a vier combinada a um verbo télico, terá uma fase inicial (característica de *começar*) e terá uma fase final (característica dos verbos télicos), mas não haverá especificação das fases intermediárias. Isto quer dizer que uma sentença como:

(3) João começou a construir uma casa.

terá uma representação como:

(15)

? ? ? ? ? ?



A questão é que, com verbos télicos como *construir uma casa*, não é possível afirmar com certeza o que está sendo feito em cada intervalo de tempo. Não é possível dizer se está sendo feita a preparação do terreno, se estão sendo erguidas as paredes, se estão sendo colocadas as janelas e portas ou se está sendo feita a pintura.

Em relação aos verbos pontuais, Dascal cita Rohrer¹⁸, mostrando que para este autor é o fato de *começar* pressupor uma continuidade da ação que "exclui o emprego de começar em verbos pontuais. Já que estes denotam ações monolíticas, nas quais é impossível distinguir temporalmente 'etapas', a condição em questão não pode ser satisfeita por eles". Daí, portanto, não se aceitar sentenças como:

(16) * Fernando começou a encontrar um lápis.

Embora reconheça que verbos pontuais dificilmente se combinam com começar + a por serem, caracteristicamente, monofásicos, como é o caso da sentença (16) e (17), Dascal lembra que sentenças como (18) parecem ser possíveis. Neste último caso, entretanto, o verbo não é tomado como pontual. *Ganhar o prêmio* em (18) é tomado como um "processo" que teve início na 14ª volta e se estendeu até ultrapassar a linha de chegada:

(17) * João começou a achar o seu relógio.

(18) Ayrton Senna começou a ganhar o prêmio na décima quarta volta.

¹⁸ *apud* Dascal (1982)

Já verbos que denotam estado¹⁹ como *amar*, por exemplo, aceitam a combinação com *começar* e podem ser partidos, sendo que a cada fase correspondem elementos idênticos.

(19) Comecei a amar Marcela naquela tarde.

Em relação às construções de *começar + por*, Dascal afirma que se trata de uma ação "vista como fase inicial de uma ação englobante", mas não trata as diferenças entre esta construção e a de *começar + a* de forma mais aprofundada.

A fundamentação da análise semântica de Dascal está na possibilidade de se dividir os eventos/ processos descritos nas sentenças em fases. Sua análise prima pela integridade da "família" semântica constituída por perífrases com *começar*, *acabar*, *parar* e recorre aos conceitos fundamentais de aspecto e *aktionsart*. Na subseção seguinte, buscar-se-á apontar em que bases se firma a proposta de uma análise sintática para as perífrases de *começar* no PB.

1.1.1 Por que buscar uma análise sintática?

Em seu estudo, Dascal considera tanto *começar + a + infinitivo* como *começar + gerúndio* como perífrases. Isso significa dizer que, para ele, em ambos os casos *começar* parece funcionar como auxiliar. Esse é um ponto controverso que envolve as dificuldades em se definir o que é um verbo auxiliar e também quais são as características dos compostos verbais em que ele aparece. Dascal se abstém de discutir essas questões porque dificuldades de ordem sintática não são relevantes para o seu trabalho. Porém, para os fins propostos pela presente dissertação, é

¹⁹ Embora Dascal aponte essa possibilidade, alguns autores discordam que a combinação de aspectuais e estativos seja boa. Sobre isso, ver a posição de Rochette (1993) e a discussão sobre esse tema no item 2.1 desta dissertação.

fundamental discutir o que seria um verbo auxiliar, bem como as propriedades dos compostos verbais em que ele aparece.

Para Perini (1998), compostos do tipo verbo + verbo - em que o primeiro elemento é um verbo auxiliar e o segundo, alguma das formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), intermediadas ou não por preposição - são chamados de predicados complexos. Esse autor explica que, numa sentença como:

(20) Sarita está dormindo.

o elemento responsável pelos traços de transitividade²⁰, ou seja, o conjunto de traços que determina que tipo de argumento um verbo deve ter, é *dormindo*. Para Perini (1998: 73-75):

(...) a transitividade da sequência *está dormindo* é idêntica, em todos os pontos, à do verbo *dormir* sem verbo auxiliar. (...) analisamos sequências do tipo de *está dormindo* como predicados complexos, ou seja, compostos de NdP²¹ mais outro elemento não definido. (...) Na frase

(47) Sarita está dormindo.

o núcleo do predicado é *dormindo*; ao elemento *está* atribuiremos a função de **auxiliar**. (...) O predicado complexo é, pois, sempre composto de auxiliar (Aux) mais NdP; e pode haver mais de um auxiliar, posicionados sempre segundo uma ordenação rígida.

Este trabalho se propõe a analisar dois tipos de construções:

a) começar + a + infinitivo

b) começar + gerúndio

procurando identificar se formam predicados complexos e são casos de um mesmo fenômeno sintático ou não. Essas perífrases foram classificadas por Dascal como pertencentes à mesma família semântica por indicarem fases de um determinado evento, mas dadas as diferenças de sentido que surgem ao se preencherem as formas nominais, é de se pensar que haja uma

²⁰ Os traços de transitividade estão relacionados à seleção argumental do verbo.

²¹ NdP – núcleo do predicado

diferenciação sintática nas estruturas. Retomemos os exemplos (1) e (3), repetidos nas sentenças (21) e (22) seguintes:

(21) Maria começou a cantar.

(22) Maria começou cantando.

No exemplo (21) temos um evento que é passível de se dividir em fases ou intervalos de tempo. O verbo *começar* seleciona a fase inicial desse evento. É uma ação que dá a idéia de que vai prosseguir no tempo²². Isto fica mais claro se acrescentarmos uma informação, conforme nos mostra (23) e (24):

(23) A moça começou a cantar aos 11 anos e tornou-se cantora profissional aos 21.

(24) Roberto Carlos começou a cantar na infância.

Então, nos casos de predicados formados por começar + a + infinitivo, *começar* indica a fase inicial de um mesmo evento: "cantar". O comportamento do composto começar + gerúndio, entretanto, parece ser um pouco diferente. Observe as sentenças em (25), (26a) e (26b):

(25) A moça começou cantando, mas acabou dançarina do programa de televisão.

(26) a. Lucinha Lins começou sua carreira cantando.

b. * Roberto Carlos começou cantando.

²² O fato de sentenças com *começar* e infinitivo pressuporem o continuar da ação é também tratado por Dascal (1982: 164). Ele diz que "o locutor, ao falar de um começo, coloca-se em um "ponto de vista" a partir do qual a ação deveria continuar, pelo menos no futuro imediato. Ele concebe um mundo possível no qual a condição em questão é satisfeita."

Os predicados de (25) e (26) pressupõem a existência de outros eventos que sucedem o que está descrito. Em (25), a primeira fase da carreira da moça é dada pelo gerúndio de *cantar*, mas ela pode ter realizado outras atividades no programa de televisão: pode ter sido assistente de palco, pode ter participado de concursos, pode ter participado como "caloura" até chegar à posição de dançarina. Obviamente, o que a moça fez entre o "cantar" e o "dançar" não importa e não está explicitado na sentença, mas é primordial perceber que as construções com gerúndio sugerem mais de um evento/ação envolvidos. (26a) exhibe o mesmo caso. "Cantar" foi só uma fase da carreira de Lucinha Lins, mas existiram outras diferentes de "cantar", como sugere a construção com gerúndio, sendo uma delas pelo menos a de "representar", atividade principal da conhecida atriz. Contudo, um falante não construiria uma sentença como (26b), uma vez que se sabe que "cantar" é a profissão de Roberto Carlos e que ele ainda a exerce. Não se trata da fase inicial de sua carreira, mas sim de toda a sua atividade profissional.

O que foi dito acima não é propriamente uma novidade. Dascal também havia apontado em seu estudo as diferenças entre as construções de começar + a + infinitivo e de começar + gerúndio:

Note-se também que os começos em questão não podem ser concebidos como fase inicial do processo descrito pelo verbo no gerúndio nem do estado denotado pelo adjetivo. Trata-se do início de uma série de eventos, processos ou estados (...) Todos os exemplos considerados até agora nesta seção têm em comum a peculiaridade de referirem-se a uma série - não necessariamente especificada - de eventos, processos ou estados, apresentando um determinado evento, processo ou estado - geralmente especificado - como sendo aquele que inicia a série em questão. Tal não se dá, porém, com as construções começar + a + infinitivo (...) Nestes casos, o começo denotado é sempre o próprio começo da ação, evento, processo ou estado descrito pelo verbo no infinitivo, e não o começo de uma série de outros eventos. (p. 134-135)

Assim, parece que há uma diferença básica entre as duas expressões: construções de começar + a + infinitivo apresentam o mesmo evento dividido em fases e se referem à primeira

fase desse evento, enquanto construções de começar + gerúndio estão relacionadas, por oposição, a um conjunto de eventos²³.

Isto pode indicar que começar + a + infinitivo e começar + gerúndio não devem ser analisados como possuidores da mesma estrutura sintática. Os compostos com gerúndio, inclusive, parecem nem poder ser analisados como predicados complexos (segundo a definição de Perini), uma vez que *começar* pode ser separado do gerúndio por um sintagma nominal conforme nos mostra o exemplo (26a).

1.2 A questão da auxiliaridade

Dascal considerou *começar*, *acabar*, *parar* como verbos auxiliares e evitou discutir essa noção porque ela envolve, certamente, uma série de problemas. Contudo, para uma análise de caráter sintático é fundamental analisar este tema mais detidamente.

A dificuldade de classificação dos verbos auxiliares ficou evidente no estudo apresentado por Pontes (1973). Ela apontou a "falta de definição rigorosa dos termos usados" e o "emprego, por autores diferentes, de termos idênticos com significados diferentes" (p.15) como os principais fatores para o desencontro de definições para o termo "auxiliar". Ocorre que as classificações dos verbos auxiliares parecem ser muito mais de natureza semântica que sintática, o que gera muitos problemas. Nas palavras de Pontes: "Parece-nos que, se dizemos que o auxiliar é o verbo que na LV (locução verbal) perde seu significado próprio, que é um verbo secundário, cujo papel é auxiliar apenas o verbo principal na formação da conjugação composta, servindo para indicar

²³ José Borges Neto, c. p., salienta que as diferenças entre as construções compostas por começar + a + infinitivo e por começar + gerúndio se atenuam bastante do ponto de vista adotado por Dascal, uma vez que essas construções realmente tomam fases. No caso da combinação com infinitivo, tem-se sempre fases de um mesmo evento, ao passo que com gerúndio, cada fase corresponde a um evento.

tempo ou aspecto, não podemos, ao mesmo tempo, classificá-lo com base num significado que dizemos não ter" (p. 36)²⁴.

Kock (1975:81) também aponta as dificuldades que rondam a noção da auxiliaridade, ressaltando principalmente o apego à tradição que mistura critérios gramaticais e semânticos, diacrônicos e sincrônicos, tornando bem difícil decidir, enfim, quais seriam os auxiliares de uma língua:

La définition de la notion d'auxiliarité n'a guère varié depuis les débuts de la philologie. En résumé on peut dire que l'auxiliarité est traditionnellement définie en fonction de critères grammaticaux et sémantiques, synchroniques et diachroniques, souvent seulement sémantiques et diachroniques, si grammaticaux, toujours accessoirement. Ces définitions sont hétérogènes et intuitives. Elles sont incontrôlables et inapplicables dans un état de langue donné. Elles ne permettent pas de décider quels sont en fin de compte les auxiliaires d'une langue: les listes diffèrent d'un auteur à l'autre en nombre et en contenu (beaucoup se terminent par *etc*). Aucune grammaire ne fournit une explication linguistique de l'auxiliarité.

Reconhecendo esses problemas, Pontes (1973) analisa o que dizem os mais diversos gramáticos²⁵ e atenta para a dificuldade em se distinguir tempos compostos, conjugações perifrásticas e locuções verbais. Segundo ela, alguns autores afirmam que locuções verbais são diferentes dos tempos compostos, sendo que estes fariam parte da conjugação - como o pretérito perfeito composto, por exemplo - ao passo que aquelas seriam as formadas por outras seqüências verbais. Há ainda quem identifique como locução verbal toda e qualquer seqüência que funcione como um verbo simples. E, por fim, há aqueles que identificam locuções verbais com conjugações perifrásticas.

²⁴ O mesmo acontece com a definição de transitividade. Segundo Perini (1998: 168-169): "A idéia tradicional de transitividade é predominantemente semântica; procura-se justificar exigências e recusas em termos do significado de cada verbo. (...) Eu colocaria a questão nos seguintes termos: não há dúvida de que existe certo grau de correlação entre, de um lado, as exigências e recusas feitas pelos verbos quanto à ocorrência de complementos e, de outro lado, os traços semânticos desses verbos. Mas essa correlação não é tão direta e tão generalizada a ponto de se poder prever a transitividade de um verbo a partir de sua semântica."

²⁵ Os autores analisados são: Evanildo Bechara, Mário Pereira de Souza Lima, Carlos Góes, João Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, Celso Cunha, Pacheco da Silva Jr, Lameira de Andrade, Gladstone Chaves de Melo, Said Ali, Jerônimo Soares Barbosa, Maximino Maciel, Ernesto Carneiro Ribeiro, Francisco de Silveira Bueno, Rocha Lima, Adriano Kury, Cláudio Brandão e Mattoso Câmara.

Diante de tal confusão terminológica, Pontes adota o termo "locução verbal" para todas as estruturas. Dascal utiliza o termo "perífrase" para os compostos formados por auxiliar + infinitivo/ gerúndio/ participio, ou ainda adjetivo ou substantivo. Há alguns autores, entretanto, que apontam diferenças na conceituação dos dois termos. Almeida (1980), por exemplo, estuda construções do tipo auxiliar + infinitivo, denominando-as "perífrases". O inusitado de suas considerações a respeito do termo justifica a reprodução de suas palavras (p.7):

O próprio étimo da palavra perífrase (gr. *periphrasis* = movimento em torno, torneio) permite-lhe o sentido lato de qualquer torneio de palavras que use várias formas. Aqui, no entanto, não a veremos assim. Para nós *perífrase verbal* terá os seus limites, formal e semanticamente, e se oporá a *locução verbal*. Enquanto esta se forma de um conjunto *verbo* mais *nome* (ex.: *ter medo*, *passar a perna*, *cruzar os braços*, etc.), a *perífrase verbal* é um conjunto que reúne *verbo* e uma das *formas nominais* (infinitivo, gerúndio e participio).

Observe-se que, no fragmento acima, aparece mais um dado para reforçar a confusão terminológica que envolve a questão da auxiliaridade. Contrariando Pontes (1973), que escolheu o termo "locução verbal" para se referir a todas as construções de verbo + formas nominais, Almeida afirma que estas são, na verdade, perífrases verbais e que locuções são conjuntos de verbo + nome. E Almeida não está sozinho nessa diferenciação. Torrego (1988) irá, posteriormente, valer-se dos mesmos critérios, segundo ele baseados em Manacorda de Rosetti²⁶, para separar perífrases de locuções verbais, reafirmando que as primeiras são compostos de pelo menos duas formas verbais, ao passo que nas segundas podem figurar elementos nominais. A opção de Dascal, assim como a de Pontes, certamente se deve às dificuldades que envolvem a questão da auxiliaridade e estão sendo apontadas nesta seção.

²⁶ *apud* Torrego (1988)

Um autor a quem Pontes faz honrosa menção é Said Ali, cujo pensamento, segundo ela, deveria ser estudado detalhada e aprofundadamente. Said Ali (1964)²⁷ não faz distinção entre tempos compostos e conjugações perifrásticas. Sobre o trabalho desse autor, Pontes (1973, p. 22-23) diz:

Caracteriza ele a LV²⁸ segundo três critérios principais, que se conjugam: funcional, semântico e histórico. A estes vem-se somar, nas *Dificuldades*²⁹, o da comparação com outras línguas. Na *Gramática secundária*, classifica os verbos em *nocionais* e *relacionais*, 'quanto à significação e papel que exercem na oração'. Define como 'nocional todo aquele que se emprega com função predicativa: *chora, gira, bebo*, por exemplo'. Relacional é aquele que vem combinado ou com um adjetivo para constituir o predicado, ou com alguma forma infinita de verbo nocional'. Auxiliar é então caracterizado como o verbo relacional 'combinado com infinitivo, gerúndio ou particípio'."

Segundo o trecho acima, um verbo relacional é aquele que se combina com um adjetivo para formar o predicado. Dessa forma, os verbos em (27) - (29) são relacionais:

(27) João é bonito.

(28) João está alegre.

(29) João anda feliz.

Os verbos *ser*, *estar*, *andar*, presentes nas sentenças (27), (28) e (29) são também considerados auxiliares porque podem se combinar com infinitivo, gerúndio ou particípio, conforme a opinião de Said Ali e os exemplos (30) - (32):

(30) João foi caminhar./ João foi chegando (devagar)./ João foi atropelado.

(31) João está a caminhar. / João está chegando. / João está cansado.

(32) João anda a cantar./ João anda sonhando./ João anda cansado.

²⁷ O volume consultado para esta pesquisa reúne dois livros de Said Ali numa única edição, sendo eles: *Gramática secundária* e *Gramática histórica da língua portuguesa*. O ano da publicação é 1964. Eunice Pontes, porém, consultou as obras separadamente e o ano de publicação que corresponde a cada uma é, respectivamente, 1963 e 1964.

²⁸ LV – locução verbal

²⁹ SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 6ª. ed., São Paulo: Melhoramentos, 1957.

Mas e quanto a *começar*? Seria ele um verbo auxiliar? Segundo Said Ali, um verbo auxiliar é sempre um relacional e um verbo relacional é aquele que forma o predicado com adjetivos. Ora, esta última é uma propriedade dos verbos de ligação. Por esse motivo, alguns autores classificam os verbos que se combinam com o nome, no predicado nominal, de "relacionais" ou "de ligação".

O trabalho de Leitner (1994), a respeito dos verbos *begin* e *start* do inglês, mostra que eles podem funcionar como *link verbs*. O exemplo utilizado pelo autor é:

(33) John **began/ started** young/ a young man/ as a young man

o que corresponderia, aproximadamente, a:

- (34) a. João começou *ainda* jovem.
b. João começou *quando* jovem.

Observe-se, no entanto, a sentença abaixo:

(35) * João começou um homem jovem.

Em sentenças como (34a) e (34b), o falante infere um argumento interno, como *carreira*, *a trabalhar*, etc., mas observando (35), podemos afirmar que *um homem* não é um NP possível de ocorrer como argumento interno nesse contexto sintático.

De qualquer forma, *começar* não tem características que possibilitem classificá-lo como verbo de ligação.

Observe-se, então, as sentenças seguintes, a fim de analisar melhor os argumentos possíveis para o verbo *começar*:

- (36) João começou o trabalho.
- (37) João começou a trabalhar.
- (38) João começou por trabalhar.
- (39) João começou trabalhando.
- (40) João começou seu dia trabalhando.
- (41) João começou a ganhar dinheiro vendendo livros.
- (42) João começou sua carreira vendendo livros de porta em porta.
- (43) ? João começou uma máquina.
- (44) João começou a projetar uma máquina.
- (45) João começou o projeto de uma máquina.
- (46) João começou velho.
- (47) João começou a escrever romances velho.
- (48) ? João começou alegremente.
- (49) João começou a cantar alegremente.
- (50) ? João começou em pé.³⁰
- (51) João começou a discursar em pé.
- (52) João começou o discurso em pé.

³⁰ A sentença (50) é possível somente se o contexto preencher as lacunas como, por exemplo, em “João começou a discursar em pé.”

Os exemplos de (36) a (52) ajudam a perceber algumas peculiaridades das construções de começar + a + infinitivo e de começar + gerúndio. Por exemplo, o que vem expresso pelo gerúndio não representa o argumento interno do verbo *começar*. Isso fica claro ao se comparar (39) com sua contra-parte (40). É óbvio que é possível enunciar uma sentença como (39), mas na verdade a compreensão só ocorre porque se infere um argumento como *seu dia*, tal (40). Sentenças acompanhadas de adjetivo, como (46), ou de advérbio/ locução adverbial, como (48) e (50) apresentam o mesmo comportamento do gerúndio, ou seja, infere-se um argumento interno como *a escrever romances* em (47) ou *o discurso* em (52). Esse comportamento leva a concluir que *começar* exige um argumento interno que pode ser:

- a. ou um verbo no infinitivo - como nas sentenças (37), (38), (41), (44), (47), (49) e (51)
- b. ou um NP - como nas sentenças (40), (42), (45) e (52).

Vale lembrar que esse NP precisa necessariamente denotar um intervalo de tempo "faseável" como *trabalho*, *carreira*, *dia*, *projeto*, *discurso*. Explica-se, assim, a dificuldade de se aceitar uma sentença como (43), exceto se *uma máquina* for tomado como um intervalo de tempo. Ora, se é sabido que João constrói máquinas, então ao se enunciar uma sentença como (43), sabe-se que ele iniciou mais uma delas, ou seja, toma-se a sua montagem como algo faseável, demarcando o momento inicial dessa "atividade".

Perini (1998) apontou a perda dos traços de transitividade como característica dos verbos auxiliares. O verbo *começar*, nas construções com infinitivo e gerúndio, embora apresente um comportamento muito diferente dos verbos canonicamente considerados auxiliares (*ser*, *estar* e

andar, por exemplo), não mantém seus traços de transitividade³¹. Perini inclui verbos como *começar* numa classe especial denominada de "auxiliares modais" ou "aspectuais"³². Vale lembrar, entretanto, que para este autor só é auxiliar o *começar* da estrutura de *começar* + *a* + infinitivo, pois somente aí perderia os seus traços de transitividade. É importante ressaltar inclusive que Perini não é o único a classificar somente *começar* + *a* como verbo auxiliar. Kury (1959) também o faz e Said Ali (1964) justifica essa análise dizendo que nessa estrutura exprime-se o "início da ação"³³, visão que Bechara (1966) adotou por influência. Tendo em vista a difusão dessa afirmação entre os gramáticos, cabe observá-la mais de perto.

Como se viu acima, *começar* exige um argumento interno faseável, seja na forma de um complemento infinitivo ou de um NP que denote intervalo de tempo, o que se deve ao fato desse verbo exibir aspecto inceptivo, ou seja, de localizar aspectualmente o evento que o acompanha (a aspectualidade do verbo *começar* será melhor discutida no capítulo 2). E esse comportamento é comum às construções com infinitivo e com gerúndio, como se vê nas sentenças (53) a (57) abaixo. Convém observar, além disso, que os argumentos (internos e externos) não são determinados por *começar*:

- (53) a. *A pedra começou a cantar.
b. *A pedra começou cantando.

³¹ Está-se considerando aqui que se o verbo *começar* "exige" um argumento, isto se deve tão-somente à sua aspectualidade, à sua necessidade de marcar o início de algo.

³² Perini considera como auxiliares modais/ aspectuais: *poder*, *dever*, *acabar de*, *deixar de*, *começar a*, *continuar a*, *ter de/ que*, *haver de/ que*. (p. 74-75)

³³ Embora frágil, a explicação de Said Ali para o fato de somente o *começar* acompanhado de infinitivo ser considerado "auxiliar" não é sem razão. Quando ele diz que se exprime o início da ação, em verdade está apontando que uma sentença com infinitivo localiza a fase inicial de uma única "ação", de um único evento. As sentenças com gerúndio, como já se teve a oportunidade de observar, sempre dão a idéia de uma série de eventos justapostos. (Sobre isso, ver subseção 1.1.1)

- (54) a. A menina começou a cantar.
b. A menina começou cantando.
- (55) a. O passarinho começou a cantar.
b. O passarinho começou cantando.
- (56) a. A pedra começou a rolar.
b. A pedra começou rolando.
- (57) a. *A pedra começou a comer.
b. *A pedra começou comendo.

As sentenças de (53) a (57) deixam evidente o fato de que os argumentos externos são sempre determinados pelo verbo que acompanha *começar*, esteja ele no infinitivo ou no gerúndio. As sentenças em (53) são agramaticais não porque *começar* não permite um sujeito inanimado (o exemplo (56), com o verbo *rolar*, abre essa possibilidade), mas sim porque *cantar* exige animação, conforme (54) e (55).

Causa estranheza, portanto, perceber que a perda dos traços de transitividade não se dá somente com o infinitivo, construção em que Perini destaca *começar* como auxiliar aspectual, mas também com o gerúndio. Por que, então, a construção com gerúndio não figura entre aquelas em que *começar* é considerado auxiliar?

As diferenças entre *começar* + gerúndio e *começar* + *a* + infinitivo parecem não estar muito claras. Se Perini, Said Ali e Bechara estiverem certos, somente a construção *começar* + *a* + infinitivo forma um predicado complexo, pois somente aí *começar* funciona como auxiliar. Isto vai ao encontro do fato de *começar* + *por* + infinitivo e *começar* + gerúndio apresentarem significados semelhantes entre si, mas diferentes do expresso por *começar* + *a* + infinitivo. Por

outro lado, como se explica a perda dos traços de transitividade também nas sentenças com gerúndio?

Neste momento da pesquisa, é interessante fazer um levantamento dos pontos em que os comportamentos dos complementos infinitivos e gerundivos do verbo *começar* se aproximam e se afastam, já que interessa mostrar que não se está diante de um mesmo fenômeno sintático.

A primeira diferença que se pode apontar diz respeito ao fato das duas construções não possuírem, como já se disse anteriormente, a mesma interpretação no que tange à divisibilidade em fases: a construção com infinitivo dá a idéia da fase inicial de um evento, ao passo que a com gerúndio sugere um evento inicial em relação a outros que o sucedem. Não há, portanto, na construção com gerúndio, um único evento dividido em fases.

A segunda diferença se refere à questão da auxiliaridade. Somente o *começar* com infinitivo é considerado, pelos estudiosos, um auxiliar. Esse fato parece possuir conexão com a primeira questão, já que a construção com infinitivo é a única em que haveria marcação inceptiva (aspectual, portanto) de um único evento.

Uma terceira diferença está no fato de a construção com gerúndio exibir certa incompletude. É sempre possível inferir um elemento intermediário entre o *começar* e o gerúndio, numa construção do tipo *começar* + (alguma coisa) + gerúndio:

(58) Maria começou **sua vida de dependência química** bebendo.

(59) Maria começou **a ganhar dinheiro** vendendo cosméticos.

As sentenças (58) e (59) mostram que, na verdade, *começar* não estaria relacionado ao verbo que o acompanha na forma de gerúndio, mas sim a um complemento explícito (ou a um complemento implícito que se pode inferir do contexto). Sendo assim, as semelhanças que as

construções de gerúndio apresentam com as de infinitivo, como a fraqueza temática, teriam relação com esse elemento e não com o gerúndio propriamente. Isso justificaria o fato de esta não ser considerada uma perífrase e também dá respaldo para postular uma diferença na estrutura sintática das construções com gerúndio e com infinitivo.

O próximo capítulo tratará com maior detalhamento a classificação do verbo *começar* como um verbo aspectual, inclusive abordando o conceito de aspecto.

CAPÍTULO 2

A aspectualidade do verbo *começar*

2. 0 Introdução

Como foi possível observar no capítulo 1, o verbo *começar* tem sido entendido, ao menos nas construções em que aparece acompanhado de infinitivo, como um auxiliar aspectual. Essa característica merece ser analisada mais detidamente, em especial porque certamente influencia a estrutura sintática das construções em que esse verbo aparece.

A necessidade de tratar das questões sintáticas em consonância com características semânticas de verbos tidos como aspectuais foi abordada por Freed (1979)³⁴. Segundo ela, "arbitrary grammatical restrictions which prohibit certain combinations of words and forms in the language are due to semantic and not just syntactic properties of the items in question" (p.2). Assim, no seu entender, é possível estabelecer relações estritas entre formas sintáticas e fatos semânticos porque restrições de gramaticalidade têm, muitas vezes, conexão com a semântica das expressões que se estuda. É por esse motivo que o presente trabalho procura compreender de que forma características semânticas podem refletir-se na sintaxe de expressões constituídas por *começar* + *a* + infinitivo e *começar* + gerúndio.

³⁴ Freed estabelece relação entre a sintaxe e a semântica das expressões contendo aspectualizadores, através de relações de pressuposição e consequência.

Antes de tratar propriamente da aspectualidade do verbo *começar*, é importante fazer algumas considerações a respeito da noção a que se dedica esse capítulo. De um modo muito geral, o aspecto é concebido como "a propriedade que tem uma forma verbal de indicar a duração de um processo", conforme Silva e Koch (1997: 51). Trata-se, por assim dizer, de uma noção temporal diferente da idéia de "tempo"³⁵. Castilho & Moraes de Castilho (1994:3-4) sustentam, aliás, que há uma forte distinção entre tempo e aspecto. Para esses autores:

O Tempo, como categoria dêitica, não tem referente fixo, e sua interpretação tem de ser mediada pela Pessoa, que fornece o quadro de referências a partir do qual os eventos são situados no eixo do tempo. (...) O Aspecto, em contrapartida, não depende, como o Tempo, da postulação de conceitos híbridos, procedentes, uns, do campo simbólico, como o intervalo, outros, do campo dêitico, como a inserção do ponto primário da linha do tempo (...) Não é razoável nem necessário conceber o Aspecto como uma sorte de "tempo interno" (...) admitiremos que o Aspecto é um operador que retrata o estado de coisas expresso pelo V³⁶ de acordo com os seguintes pontos de vista: (i) operação da ação X resultado da ação, (ii) graus de desenvolvimento da ação verbal, (iii) o número de vezes em que ela se dá.

Nas palavras de Freed (1979:10), enquanto o "tempo" verbal faz uma referência específica à ordem cronológica dos eventos³⁷, "o aspecto descreve a qualidade ou a condição temporal" desses eventos em relação às noções de "inceptividade, repetição, completude, duração, pontualidade, etc." Para esta autora, o aspecto se refere "à estrutura temporal interna dos eventos e atividades". Na mesma direção vai a definição dada por Dowty (1979:52): "(...) *aspect markers* serve to distinguish such things as whether the beginning, middle or end of an event is being referred to, whether the event is a single one or a repeated one, and whether the event is completed or possibly left incomplete." Em outras palavras, o aspecto verbal é responsável pela idéia de completude (ou não), de início, meio ou fim de um evento e se ele é singular ou repetido.

³⁵ Para os fins deste trabalho não interessa tratar aprofundadamente as distinções entre tempo e aspecto, o que certamente seria tema para outra dissertação.

³⁶ V = Verbo

³⁷ Freed (1979: 26:30) define "evento" como a atividade a que se refere o complemento do verbo aspectual, quando este verbo, de fato, exprime a noção de aspecto.

A aspectualidade do verbo *começar*, considerando as observações anteriores a respeito dessa noção, está na sua capacidade de localizar o início de um evento. Assim, está-se diante de um marcador de aspecto inceptivo. Na próxima seção, tratar-se-á dessa característica com maior detalhamento.

2.1 *Começar* como verbo aspectual

Segundo Almeida³⁸ (1980), um dos melhores meios de expressão do aspecto verbal em PB são as perífrases. Este autor analisou perífrases de *começar* + preposição + infinitivo como expressivas da noção de aspecto inceptivo. Segundo ele, em perífrases desse tipo, a idéia de inceptividade parte do auxiliar, diferentemente de construções como *entrou a cismar*, *sairam a lutar*, *passou a desejar* e *pôs-se a falar* nas quais a noção de inceptividade parte do conjunto perifrástico como um todo. A mesma observação aparece em Castilho & Moraes de Castilho (1994), que atribuem essa constatação a Benveniste (1965:1-15)³⁹ e Weinreich (1966)⁴⁰.

Para Almeida, o tipo de verbo que se combina com *começar* traz diferenças em relação à inceptividade⁴¹. Ele observa também que quando *começar* está no plural, há a expressão de outra idéia, além da inceptividade: é a de sucessão (no sentido de iteratividade). Por isso, em (60) abaixo, não se imagina que os feridos chegaram todos de uma só vez, mas sim aos poucos:

³⁸ Almeida (1980: 30-42) discute de forma bastante interessante o que ele chama de “o problema do aspecto”, ou seja, a construção do conceito ao longo da história, em oposição ao conceito de *aktionsart*.

³⁹ *apud* Castilho & Moraes de Castilho (1994)

⁴⁰ *apud* Castilho & Moraes de Castilho (1994)

⁴¹ Almeida reconhece dois tipos de inceptivo, conforme o tipo de verbo que acompanha *começar*: o ingressivo e o incoativo. O primeiro, que ocorre com verbos perfectivos sem idéia iterativa, caracteriza-se pelo “início de uma ação de pequena duração ou limitada” e o segundo, que ocorre com processos como *ser feliz*, *mudar de cor*, *enfileirar*, *irritar* traz uma ação “a cujo início se segue um desenvolvimento, uma transformação”. Como a diferenciação não é muito clara, optou-se por não utilizá-la nesta dissertação.

(60) Às 16:30 horas, os primeiros feridos *começaram a chegar*.⁴²

Se *começar* exprime a noção de inceptividade, parece clara a razão que levou Perini (1998) a incluir esse verbo na lista dos aspectuais: ele possui a propriedade particular de conferir uma leitura aspectual ao evento. Em outras palavras, *começar* e outros verbos tidos como aspectuais como *continuar*, *parar*, *acabar de* indicam noções próprias do aspecto verbal: repetição, duração, pontualidade, etc.

Analisando a seleção argumental dos verbos aspectuais, Freed (1979:2) sugere que, no inglês, eles podem tomar complementos sentenciais, como em (61)⁴³ abaixo, nominais derivados, como em (62), ou ainda um nome concreto, tal qual ocorre em (63):

(61) Linda started to write her second book.

"Linda começou a escrever seu segundo livro."

(62) Bill started the conversation.

"Bill começou a conversa."

(63) Barry started his new car.

"Barry deu a partida em seu novo carro."

⁴² Almeida (1980) e Dascal (1982) fazem alusão ao trabalho de Klöppel (*apud* Almeida 1980), em que ele faz uma classificação de natureza semântica das perífrases com *começar*, levando em consideração o tempo em que é conjugado o auxiliar, a preposição e a natureza do verbo principal que o acompanha. Segundo Klöppel, há duas classificações possíveis quando o auxiliar está no plural:

- 1) inceptivo sucessivo – caracteriza uma sucessão de começos e ocorre com o infinitivo imperfeito (Exemplo de Dascal: Haviam começado a se interessar pelos favores de Vênus, nas sessões espíritas.)
- 2) sucessivo – caracteriza um conjunto de ações/ processos individuais, algumas das quais podem coincidir temporalmente e ocorre com o infinitivo perfeito (Exemplo de Klöppel, extraído da *Crônica de D. João I*, de Fernão Lopes: E teendo seu cerco sobrella, começaram de morrer na frota...)

⁴³ Os exemplos (61), (62) e (63) são de Freed.

Freed compara o comportamento dos verbos *begin* e *start* do inglês, ambos expressivos da idéia de início. Segundo ela, *begin* possui um número de ocorrências mais restrito que *start*, o que a leva a afirmar que o primeiro seria um sub-grupo do segundo. Ao que parece, o PB não possui um verbo correspondente a *start*, estando o comportamento do verbo *começar* mais próximo do de *begin*. Observe que é possível traduzir (61) e (62) com *começar*, mas é impossível fazê-lo com a sentença (63). Assim, é possível afirmar que em algumas situações em que em inglês se utiliza o *start*, em português recorre-se a outras expressões.

O estudo dessa autora sugere ainda uma segmentação do evento em fases: *onset* (fase preparatória), *núcleo* (que se subdivide nos estágios de *início*, *meio* e *fim*) e *coda* (fase pós-final). Essa "estrutura" do evento também serve para diferenciar *start* e *begin*. *Start* localizaria o *onset*, ou seja, uma fase preparatória do evento. Assim, uma sentença com *start* não pressupõe necessariamente que o evento tenha iniciado⁴⁴. Com *begin*, entretanto, obrigatoriamente há a interpretação de que o evento começou, estando por isso relacionado com o estágio *inicial* do *núcleo*. Esse é mais um indício que permite afirmar que em PB não há um verbo correspondente a *start* ou, dito de outra forma, que o *começar* tem um comportamento mais próximo do de *begin*. Ao que parece, sentenças com *começar* estão sempre relacionadas ao início propriamente dito de um determinado evento.

Sob influência do trabalho de Freed citado acima, Rochette (1993) analisa restrições de seleção impostas por verbos aspectuais⁴⁵. Antes de tratar propriamente dessa restrição, ela distingue três grandes classes semânticas de verbos matrizes, a que ela denomina de predicados

⁴⁴ No PB, se há intenção de localizar o *onset*, ou seja, a fase preparatória de um evento, não se utiliza *começar*, mas *ameaçar*:

(iii) Ela ameaçou espirrar.

⁴⁵ O trabalho de Rochette contempla apenas as perífrases com infinitivo no francês (aliás, o francês não possui a construção de *commencer* com gerúndio).

proposicionais, emotivos e efetivos. Esta última classe selecionaria argumentos infinitivos pertencentes à categoria semântica "ação", que engloba os *activities*, os *accomplishments* e os *achievements*. A denominação "ação", portanto, tem origem no fato de predicados efetivos dificilmente aceitarem verbos de estado como seus complementos. Ocorre que os verbos aspectuais, que pertencem à classe dos efetivos⁴⁶, apresentam uma seleção argumental um pouco diversa da abarcada pelo termo "ação". Assim, Rochette acaba por defender que verbos aspectuais como *começar* sempre selecionam "processos" - categoria que engloba os *activity* e os *accomplishment verbs* da tipologia verbal proposta por Vendler (1967)⁴⁷. Isso é o que faz com que sentenças em que *começar* é acompanhado por *accomplishment* (*escrever uma carta*) ou por *activity* (*dançar*) sejam gramaticais, ao passo que perífrases com *achievement* (*encontrar meu casaco*) ou *state* (*ter uma casa*) não o sejam. Observe os exemplos de Rochette e os seus correspondentes em português:

- (64) a. Catherine a commencé à écrire la lettre.
b. Catarina começou a escrever a carta.
- (65) a. Jean a commencé à danser.
b. João começou a dançar.
- (66) a. *J'ai commencé à trouver mon manteau.
b. *Eu comecei a encontrar meu casaco.

⁴⁶ Os efetivos caracterizam-se por selecionarem complementos infinitivos, característica dos verbos aspectuais nas línguas românicas. Esse é um motivo também para achar que a sequência de *começar* + *gerúndio* não constitui um predicado complexo. O gerúndio, como será sugerido mais adiante, é um termo que está em adjunção na estrutura.

⁴⁷ O trabalho de Vendler (1967) propõe uma tipologia verbal que pressupõe a existência de quatro tipos de termos: os *activity terms* (como *correr*, *empurrar um carrinho*), os *accomplishment terms* (como *desenhar um círculo*, *correr um quilômetro*), os *achievements terms* (como *alcançar o cume da montanha*, *ganhar a corrida*) e ainda os *state terms* (como *amar*, *acreditar*).

(67) a. *J'ai commencé à avoir une maison.

b. * Eu comecei a ter uma casa.

Desses exemplos, merece especial atenção a referência feita aos estativos. Para Rochette, verbos aspectuais apresentam restrições a complementos dessa natureza. Talvez uma explicação para esse fato seja dada por Freed (1979), para quem os *states*, diferentemente dos *accomplishments*, *activities* e *achievements*, não possuem uma estrutura temporal interna, não sendo, portanto, eventos. São homogêneos, não permitem divisão. Por isso, sentenças como (68) são agramaticais:

(68) * João começou a ter uma casa.

É interessante observar, contudo, que nem sempre essa restrição é tão óbvia. Há casos em que se apresentam dificuldades de aceitabilidade, como em (69), mas há casos perfeitamente aceitáveis como (70), (71) e (72):

(69) ?/* Ele começou a ser professor aos 19 anos.

(70) Comecei a amar Marcela naquela tarde.⁴⁸

(71) Vagarosamente, comecei a entender como ela se sente.⁴⁹

(72) Ele começou a querer um carro aos 18 anos.

Ao que parece, as restrições aos estativos diminuem quando se acrescentam informações que permitem localizar temporalmente a complementação. Compare as sentenças (73) e (74):

⁴⁸ Exemplo de Dascal, anteriormente reproduzido no exemplo (19) desta dissertação.

⁴⁹ Exemplo de Swam (1996), em inglês:

(iv) I slowly began to understand how she felt.

(73) * Ele começou a possuir muitos carros.

(74) Ele começou a possuir muitos carros na mocidade.

Em seu trabalho, Rochette lembra a observação de Lamiroy⁵⁰ segundo a qual há exceções em que verbos aspectuais aparecem com *state* ou *achievement verbs*: quando há ocorrência de sintagmas nominais plurais ou de coletivos ocupando a posição de sujeito do verbo aspectual ou de objeto do infinitivo, ou ainda com a presença de proposições adverbiais temporais. Segundo Lamiroy, a explicação para sentenças como as de (75) a (79) abaixo repousa no fato de que, ao se provocar uma serialização do *state* ou *achievement*, tem-se a sensação de estar diante de um *activity verb*. Para Rochette, a repetição de um *state* ou de um *achievement*, através de sintagmas nominais plurais ou de expressões adverbiais temporais, dão lugar a uma estrutura eventual semelhante àquela dos processos porque se definem como a repetição de um mesmo evento. É o que se demonstra nas sentenças seguintes utilizadas por Rochette e suas correspondentes em português:

(75) a. *Jean commence à posséder une voiture.

b. *João está começando a possuir um carro.

(76) a. Jean commence à posséder beaucoup de voitures.

b. João está começando a possuir muitos carros.

(77) a. *L'invité commence à arriver.

b. * O convidado está começando a chegar.

(78) a. Les invités commencent à arriver.

⁵⁰ *apud* Rochette (1993)

b. Os convidados estão começando a chegar.

(79) a. Jean a commencé à savoir qu'Anne le trompait peu avant de soutenir sa thèse.

b. João começou a saber que Ana o traía pouco antes de defender sua tese.

Os trabalhos aos quais se fez alusão no presente capítulo ajudam a jogar luzes na questão da auxiliaridade, pois reforçam a idéia de que *começar* não pode constituir um evento autônomo e que sua função é a de focalizar um determinado intervalo de tempo do evento descrito pelo complemento infinitivo, a saber: o intervalo de tempo inicial do evento.

Assim, ao se considerar uma estrutura como a de *começar* + *a* + infinitivo um predicado complexo (no sentido de Perini), na verdade se está dizendo que *começar* possui a propriedade única e exclusiva de localizar aspectualmente o evento (inceptividade), mas não é responsável pela distribuição de papéis temáticos, já que o complemento infinitivo é quem determina os argumentos internos e externos. Sendo um predicado complexo, somente um evento é descrito (como na sentença (80)), o que impede que sejam feitas associações temporais diferentes para *começar* e para seu complemento infinitivo, conforme a sentença (81). A sentença (82) mostra que essa associação temporal é possível em construções em que os verbos denotam dois eventos distintos.

(80) a. Jean commence à lire ce livre.

b. João está começando a ler este livro.

(81) a. * Hier, Jean a commencé à lire ce livre aujourd'hui.

b. *Ontem, João começou a ler este livro hoje.

(82) a. Hier, Jean a souhaité lire ce livre aujourd'hui.

b. Ontem, João desejou ler este livro hoje.

Considerou-se até agora exclusivamente as construções de *começar* seguido de complemento infinitivo, mas é vital para este estudo traçar um paralelo com as construções seguidas de gerúndio. É preciso observar se o aspecto se presta a uma distinção entre *começar* + *a* + infinitivo e *começar* + gerúndio.

Como já visto anteriormente, a primeira dessas construções faz referência à fase inicial de um mesmo evento, enquanto que a segunda apresenta um evento que está numa relação de oposição com outros eventos. Uma sentença com gerúndio não apresenta a idéia de divisão do evento em fases.

No próximo capítulo, serão discutidas hipóteses sintáticas para o problema aqui proposto e, no quarto e último capítulo, discutir-se-ão com mais cuidado as características que fazem com que infinitivo e gerúndio não tenham o mesmo *status* numa estrutura sintática em que são precedidos por *começar*.

CAPÍTULO 3

A análise do problema à luz da sintaxe

3.0 Introdução

Como foi possível perceber, até aqui se abordou quase que exclusivamente os aspectos semânticos das construções sob análise. Tal atitude se deve à necessidade de observar de que maneira esses aspectos se refletem na sintaxe. Muitas das questões que foram aqui discutidas, como a noção de auxiliar e perífrase, ficam por vezes à margem das discussões por se tratar de terreno árido. A este trabalho, no entanto, interessa adentrar esse terreno para demonstrar o quão difícil pode ser a análise do comportamento de um verbo desse tipo, como o próprio Dascal (1982) havia lembrado em seu trabalho.

Ao que parece, está-se diante de um verbo aspectual (um auxiliar aspectual, para muitos) e que, como tal, tem a propriedade de atribuir uma marca de aspectualidade ao evento: a inceptividade. Cabe discutir, a partir de agora, como isso se configura na estrutura sintática das construções em que esse verbo aparece e, de modo especial, se a estrutura com infinitivo e com gerúndio pode ou não ser a mesma.

Buscando explicar o comportamento sintático do verbo, a primeira hipótese sintática levantada foi a de que *começar* seria um verbo leve. Diferentemente do comportamento dos verbos leves descritos na literatura lingüística e que serão tratados com maior detalhamento a

seguir, trabalhava-se com a idéia de que a defectividade temática do verbo acabava por atribuir-lhe uma posição na estrutura, semelhante àquela ocupada pelos verbos abstratos nas conchas-VP⁵¹.

O trabalho com a hipótese do verbo leve levou, naturalmente, à observação de que essa defectividade temática apresentada pelo verbo poderia ter alguma relação com a inacusatividade. Tratou-se de analisar mais detidamente a propriedade dos verbos inacusativos com o intuito de identificar possíveis pontos de interseção entre estes e *começar*.

Por fim, este capítulo apresenta a análise sintática feita por Rochette (1988) para verbos aspectuais. As conclusões a que esse capítulo eventualmente conduza serão tratadas no capítulo 4, no qual se julga a pertinência das hipóteses, bem como se sugere uma estrutura sintática possível para as construções em análise.

3.1 A hipótese de *começar* como verbo leve

3.1.1 A noção de verbo leve

O termo "verbo leve" é usado, na literatura lingüística, com dois sentidos distintos, ainda que se possa encontrar conexão entre eles. A primeira definição de "verbo leve" é muito corrente e, baseada em Jespersen⁵², foi enunciada por Scher (2001) da seguinte maneira: trata-se, tradicionalmente, de "um verbo tematicamente vazio, marcado para pessoa e tempo, ao qual se associa um elemento nominal, responsável pela idéia 'realmente importante' da sentença, ou seja, pelo evento ou ação expressos por ela". É com este conceito que trabalha o clássico estudo de Grimshaw & Mester (1988), que dá um tratamento lexicalista às construções com o verbo leve

⁵¹ O conceito de concha-VP será tratado na subseção 3.1.1.

⁵² *apud* Scher (2001)

suru do japonês, e de Dubinski (1997), que busca uma abordagem sintática para as mesmas construções do japonês.

Scher estuda o comportamento do verbo leve *dar* do português brasileiro. Semelhantemente ao *suru* do japonês, *dar* se une a sintagmas nominais (ou nomes verbais, como denominou Dubinski):

- (83) a. A Maria deu **uma olhada** no nenê.
 b. A Maria deu **um beijo** no João.
 c. O José deu **uma varrida** na sala.

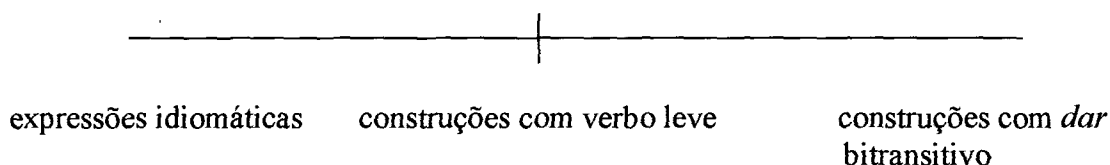
A autora lembra que uma das maiores questões a serem respondidas com respeito a esse tema é se a relação entre o verbo leve (*dar*) e o predicado nominal a ele associado (*uma olhada*, *um beijo*, *uma varrida*) se estabelece no léxico ou na sintaxe. Grimshaw & Mester (1988), no interior do modelo de Princípios e Parâmetros, defendem a hipótese de que esse elemento nominal que acompanha o verbo leve forma com ele um complexo lexical. No entanto, estudos posteriores como os de Dubinski (1997), Campbell⁵³ e Diesing⁵⁴ sugerem que a relação entre os dois elementos se dê, em verdade, no âmbito da sintaxe. Estes últimos, inclusive, dedicam-se ao aspecto semântico dessas construções, procurando dar conta de sua interpretação aspectual.

Scher questiona a idéia do verbo leve e do NP formarem um complexo lexical e diz ser

⁵³ *apud* Scher (2001)

⁵⁴ *apud* Scher (2001)

necessário rever a afirmação de que o verbo leve seja incapaz de atribuir papéis temáticos⁵⁵. Para esta autora e de acordo com o proposto por Campbell, construções com o verbo *dar* estão situadas ao centro de uma linha, cujos pólos são as expressões idiomáticas e as construções de *dar* bitransitivo.



Dito de outra forma, as construções com o verbo leve possuem particularidades: não perdem toda significação como as expressões idiomáticas, são muito mais produtivas que elas e não apresentam todas as características do *dar* pleno. Assim, ela fundamenta a sua posição de que as construções com o verbo leve *dar* não formam complexos lexicais.

Uma segunda definição de "verbo leve" é encontrada nos trabalhos com conchas-VP, tal qual a apresentada por Larson (1988), embora ele próprio não tenha usado esse termo. Este autor estudou as construções de duplo objeto, do inglês, como *John sent Mary a letter*. Segundo Larson, algumas assimetrias⁵⁶ de domínio sintático são encontradas na análise dessas construções e todas elas envolvem c-comando. Observando que as duas representações mais frequentes para

⁵⁵ Scher lembra que nem sempre o papel temático do argumento externo resulta da associação do verbo ao predicado nominal. Segundo ela, isso está relacionado à subespecificação do verbo para papéis temáticos. Sendo especificado, ter-se-á uma estrutura de controle, com sujeito agente (*João deu uma caída na piscina*), na qual a atribuição temática para o argumento externo resulta realmente da associação do verbo ao NP. Porém, se o verbo for não especificado para papel temático, ter-se-á um sujeito não agente, numa estrutura de alçamento (*Deu uma esfriada agora*).

⁵⁶ As assimetrias apontadas por Larson são: (i) em relação ao licenciamento de anáforas; (ii) em relação às possibilidades de vinculação quantificador-pronome; (iii) em relação ao cruzamento fraco de um sintagma WH; (iv) em relação aos efeitos de superioridade aplicáveis a movimentos de sintagmas WH; (v) em relação à leitura recíproca de construções com "each...the other" e (vi) em relação ao item de polaridade negativa.

construções de duplo objeto⁵⁷ ignoravam as assimetrias de c-comando, Larson propôs uma terceira representação sugerindo que em sintagmas verbais de construções de duplo objeto haveria uma estrutura complexa, compreendendo um VP (*verbal phrase*) interno e uma concha VP⁵⁸ externa. Assim, numa sentença como *John sent Mary a letter*, há dois núcleos V: o primeiro é o núcleo do VP interno e o segundo do VP externo. Na DS⁵⁹, *send* ocupa o núcleo do VP interno e, no VP externo, haveria um verbo Ø (abstrato) que, nas formulações posteriores, como a de Radford (1997), foi denominada de verbo leve. Na SS⁶⁰, *send* sobe para essa posição ocupada pelo verbo leve Ø e se une a ele. Com esse movimento, Larson consegue explicar a ordem dos constituintes na sentença.

Radford⁶¹ define esse verbo leve da seguinte maneira:

(...) a null verb with much the same causative interpretation as a verb like *make* (so that *We rolled the ball down the hill* has a similar interpretation to *We made the ball down the hill*). Let's also suppose that this causative light verb is affixal in nature (and so a strong head), and that the verb *rolled* raises to adjoin to it (producing a structure which can be paraphrased literally as '*We made+roll the ball down the hill*'). The resulting V-bar structure is then merged with the subject *we* (which is assigned the θ -role of AGENT by the causative light verb), to form the complex vp (...) (p. 201)

A leitura causativa advém, portanto, da união entre o verbo leve abstrato, que ocupa a posição de núcleo no VP externo, e o verbo que ocupa a posição nuclear mais baixa, no VP interno.

⁵⁷ As duas representações mais comuns para estruturas de duplo objeto, citadas por Larson, são as seguintes:

- a) A primeira proposta (OHERLE, R. *The grammatical status of the English dative alternation*. Doctoral Dissertation. MIT: Cambridge, Massachusetts, 1976.) sugere que haja um nóculo VP ao qual se liguem três galhos (V, NP1, NP2).
- b) A segunda proposta (CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht, 1981) está de acordo com o modelo X-barra. A projeção máxima VP se compõe de dois galhos: V' e NP2 e a projeção intermediária se unem o núcleo V e o complemento NP1.

⁵⁸ Nas formulações posteriores dessa teoria, foi proposto o uso das siglas com letras maiúsculas (VP interno) e minúsculas (vp externo) para diferenciar estes dois componentes do sintagma verbal como estrutura complexa.

⁵⁹ DS = *deep structure* (estrutura profunda)

⁶⁰ SS = *superficial structure* (estrutura superficial)

⁶¹ Deve-se ressaltar que o trabalho de Larson (1988) segue o modelo de Princípios e Parâmetros, ao passo que Radford trabalha com o Minimalismo.

Duas diferenças devem ser apontadas entre esses dois conceitos de "verbo leve": (i) nos estudos de Grimshaw & Mester (1988), Dubinski (1997) e Scher (2001), o verbo leve se associa a um elemento nominal e, nos trabalhos de Larson (1988) e Radford (1997), a uma forma verbal e (ii) no primeiro caso o "verbo leve" possui uma palavra a ele correspondente (como *suru* no japonês e *dar*⁶² no português), enquanto que o "verbo leve" que ocupa a posição de núcleo externo na concha VP é nulo. Daí dizer que se trata de um elemento abstrato. Um traço, porém, que aproxima os dois tipos de "verbo leve" é a incapacidade de realizarem a marcação temática sozinhos.

3.1.2 A noção de verbo leve aplicada às perífrases com o verbo começar

Antes de partir para a discussão dessa hipótese, cabe lembrar as diferenças existentes entre as construções com infinitivo e com gerúndio, que norteiam a idéia de que não se tratam de casos de um mesmo fenômeno sintático. A primeira diferença diz respeito ao fato de **não possuírem a mesma interpretação no que tange à divisibilidade em fases**: a construção com infinitivo dá a idéia da fase inicial de um evento, ao passo que a com gerúndio sugere um evento inicial em relação a outros. Não há, portanto, na construção com gerúndio, um evento dividido em fases. A segunda diferença se refere à **questão da auxiliaridade**. Somente o *começar* das construções com infinitivo é considerado, pelos estudiosos, um auxiliar. Esse fato parece possuir conexão com a primeira questão, já que a construção com infinitivo é a única em que haveria marcação inceptiva (e aspectual conforme Perini e Rochette) de um único evento. Uma terceira diferença está no fato de **a construção com gerúndio exibir certa incompletude**. É sempre

⁶² Conforme vêm apontando os trabalhos de Scher.

possível inferir um elemento intermediário entre o *começar* e o gerúndio, numa construção do tipo *começar* + (alguma coisa) + gerúndio:

(84) Maria começou **sua vida de dependência química** bebendo.

(85) Maria começou **a ganhar dinheiro** vendendo cosméticos.

As sentenças (84) e (85) mostram que, na verdade, *começar* não estaria relacionado ao verbo que o acompanha na forma de gerúndio, mas sim a algo que fica implícito e pode ser inferido no contexto. Sendo assim, **as semelhanças que as construções de gerúndio apresentam com as de infinitivo, como a fraqueza temática, teriam relação com o elemento implícito e não com o gerúndio propriamente**. Isso justificaria o fato de esta não ser considerada uma perífrase e também dá respaldo para postular uma análise sintática em que o infinitivo e o gerúndio não ocupam o mesmo lugar na estrutura, ou seja, o infinitivo se comporta como complemento de *começar*, o gerúndio não.

Conforme apontado anteriormente, o verbo *começar* não parece ser o responsável pela seleção argumental da sentença:

(86) a. **Maria** começou a beber.

b. **Maria** começou bebendo.

(87) a. * **A pedra** começou a beber.

b. * **A pedra** começou bebendo.

(88) a. **Maria** começou a vender **cosméticos**.

b. **Maria** começou vendendo **cosméticos**.

(89) a. **A pedra** começou a rolar.

b. **A pedra** começou rolando.

(90) a. * **A pedra** começou a vender **cosméticos** .

b. * **A pedra** começou vendendo **cosméticos**.

Os argumentos, nas sentenças de (86) a (90), são selecionados pelos verbos que acompanham *começar*, isto é, *beber*, *rolar* e *vender*. E são as restrições impostas por esses verbos que determinam a agramaticalidade das sentenças (87) e (90). *Começar* parece, portanto, **possuir somente a função** apontada por Rochette **de localizar aspectualmente o evento, não cabendo a ele a seleção dos argumentos e a marcação temática**.

Essa característica permite sugerir, ao menos para a construção com infinitivo⁶³ que descreve o início de um evento único, que *começar* possa ser um verbo leve numa estrutura do tipo concha-VP. Isto é, *começar* seria um verbo tematicamente vazio e se associaria a um elemento infinitivo ao qual caberia a seleção dos argumentos e a marcação temática.

Se *começar* está sendo investigado como um verbo leve, cabe observar se ele apresenta uma das características⁶⁴ apontadas para esse tipo de verbo: a causatividade. Freed (1979) analisou essa propriedade nos verbos *begin* e *start* do inglês. Segundo ela, é possível conferir uma leitura causativa às construções com *start* e, em menor escala, às aquelas com *begin*. Inicialmente, serão tratados os casos em que *start* apresenta leitura causativa. Observe os exemplos de Freed:

(91) Our troubles started with the flood.

(92) Our troubles began with the flood.

⁶³ Construções com gerúndio serão tratadas no capítulo 4.

⁶⁴ Ver citação de Radford (1997) na seção 3.1, p. 41.

Para ela, sentenças como (91) admitem uma paráfrase como (93), mas sentenças como (92) não aceitam serem parafraseadas por (94). A leitura para (92) é algo como o que se apresenta em (95). Observe também a tradução para o PB:

(93) The flood started our troubles.

"A enchente deu início aos nossos problemas."

(94) * The flood began our troubles.

* "A enchente começou nossos problemas."

(95) Our troubles began at the time of the flood.

"Nossos problemas começaram na época da enchente."

A causatividade de *start* está ligada à sua propriedade de localizar o *onset* (a fase preparatória do evento) e também à sua etimologia⁶⁵. Daí a diferença entre sentenças como (96) e (97) seguintes:

(96) Bob started the car.

(97) * Bob began the car.

A sentença (96) pode ser parafraseada com (98) abaixo:

(98) a. Bob made the car started.

⁶⁵ De acordo com Freed (1979:68-69) *start* vem da palavra *styrtan* (*Old English*). Essa, por sua vez, derivaria de **sturtjan* (*Old Teutonic*) que significava "derrubar, precipitar, virar, capotar". Quando usada intransitivamente, significava "apressar, jorrar". Existia ainda a forma *sterte* (*East Northern English*), derivado de **stiertan* (*Middle High German*), que significava "estabelecer, ficar ou mover rapidamente". E, por fim, havia o verbo *to staerthan* (*Old English*), significando "tropeçar", do qual provém expressões inglesas que têm diferentes sentidos como os de "iniciar uma viagem" ("to start a journey") ou "iniciar um movimento" ("to start to move"). Assim, todas as fontes das quais *start* pode derivar possuem a idéia de movimento.

- b. Bob deu a partida no carro.

A sentença (97), entretanto, não admite essa leitura e por isso é agramatical. Mas, como no PB, (97) pode ser parafraseada da seguinte maneira:

- (99) a. Bob began [building the] car.
b. Bob começou a [montar/ construir/ projetar] um carro.

A leitura causativa de *start* não é possível para construções com *começar* no PB. Sempre que se quer uma interpretação semelhante usa-se, no PB, *dar início*. Basta observar que, para a maioria das construções com *start*, não se admite *começar* nas traduções.

- (100) a. The explosion started a landslide.
b. * The explosion began a landslide.
c. A explosão deu início ao desmoronamento.
d. * A explosão começou o desmoronamento.

Contudo, há casos⁶⁶ em que não só *start*, mas também *begin* apresenta um componente causativo. Veja os exemplos de Freed:

- (101) The lecture [began/ started] at 12:00.
"A palestra começou às 12:00."
(102) The show [began/ started] late.
"O show começou tarde."

⁶⁶ É importante ressaltar ainda que nos exemplos (101) e (102) tem-se *show* e *lecture* como objetos de *accomplishments verbs* (*give a lecture/ put on a show*). Freed lembra que Dowty inclui em sua análise desse tipo de verbo o predicado atômico "causa".

Nos casos acima, conforme lembra essa autora, é possível admitir paráfrases como:

(103) Someone [began/ started] the lecture at 12:00.

"Alguém [começou/ deu início a] a palestra às 12:00."

(104) Somenone [began/ started] the show late.

Alguém [começou/ deu início a] o show tarde.

O que se defende é que em construções como em (101) e (102) acima, há algo ou alguém que "causa" o evento. Assim, "algo ou alguém é responsável por causar a transição de um estado a outro". Freed observa ainda que não é claro se a causatividade apresentada por sentenças com *begin* e *start* é necessariamente intencional. Ela utiliza o exemplo de Givón⁶⁷, reproduzido em (105) abaixo, que implica, segundo ele, tanto (106) como (107):

(105) John started to roll down the hill.

"John começou a rolar montanha abaixo."

(106) Someone pushed him (or gravity prevailed).

"Alguém o empurrou (ou a gravidade prevaleceu)."

(107) John actively removed all obstacles and started rolling.

"John ativamente removeu todos os obstáculos e começou a rolar".

É preciso ressaltar também que há casos em que a intencionalidade é obviamente impossível, como em sentenças como (108):

⁶⁷ *apud* Freed (1979)

(108) As flores começaram a murchar.

Como já tratado na seção 2.1, o verbo *começar* parece ter um comportamento que se assemelha a *begin*, inclusive quando se trata dessa leitura causativa, uma vez que também em PB é possível que haja paráfrases semelhantes a (103) e (104) quando se tem sentenças como (101) e (102). Portanto, se *começar* possui esse elemento causativo, o que é uma das propriedades dos verbos leves conforme apontado por Radford (1997), a hipótese de que *começar* seja um verbo leve parece plausível. Além disso, a fraqueza temática também ajuda a respaldar esse ponto de vista.

Cabe ressaltar, entretanto, que essa configuração apresenta diferenças em relação a outros verbos leves descritos na literatura lingüística. O verbo leve *suru* do japonês, que foi objeto de estudo de Grimshaw & Mester (1988) e Dubinski (1997), e o verbo leve *dar* do PB, pesquisado por Scher (2001), se associam a sintagmas nominais (ou nomes verbais, como denominou Dubinski), conforme a sentença (109), e não a complementos infinitivos como se está propondo aqui.

(109) A Maria *deu uma olhada* no nenê.

Começar estaria numa concha VP, mas não seria um verbo leve abstrato. Ao que parece, *começar* é um verbo leve como *dar* no PB e *suru* no japonês (muito embora não se associe a sintagmas nominais, exceto no caso destes denotarem um intervalo de tempo) - e ocupa a posição de núcleo externo numa estrutura complexa do tipo concha-VP. Essa análise, porém, somente se aplica às construções de infinitivo, uma vez que *começar* + gerúndio parece não formar um predicado complexo (as construções com gerúndio serão analisadas com maior cuidado no próximo capítulo). Em outras palavras, o fato de haver a possibilidade de inserir um elemento

entre o *começar* e o gerúndio leva a crer que este último tem função próxima a de um adjunto na estrutura, não estando estreitamente ligado ao verbo (esse comportamento será analisado no próximo capítulo).

A estrutura proposta para as construções com infinitivo é condizente com o que propôs Rochette (1993) para *commencer* e infinitivo no francês. Segundo ela, "os verbos aspectuais selecionam semanticamente um processo⁶⁸ que se realiza sintaticamente como uma projeção verbal no caso dos complementos infinitivos", resultando numa estrutura complexa tal como (110):

- (110) a. *começar* : (processo)
 b. [_{VP} *começar* [_{VP} ...]]

A estrutura sintática de *começar* + gerúndio, conforme vêm apontando as evidências, parece ser diferente. Se não se trata de uma perífrase e se há um elemento implícito entre *começar* e o gerúndio, é provável que a posição do gerúndio na representação estrutural seja diferente daquela ocupada pelo infinitivo.

3.2 A hipótese de *começar* como verbo inacusativo

3.2.1 A noção de inacusatividade

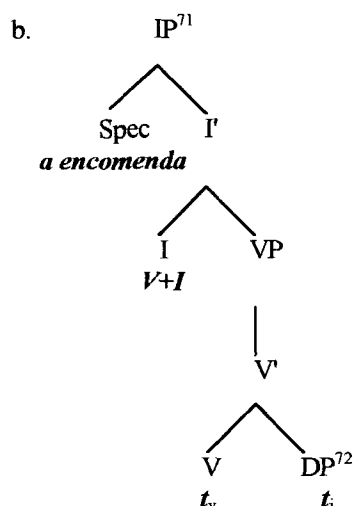
Segundo lembram Levin & Hovav (1995: 2), a Hipótese Inacusativa, ou seja, aquela que propõe que "a classe dos verbos intransitivos não é homogênea, mas consiste em duas subclasses, cada uma associada a uma configuração sintática distinta", foi primeiramente proposta por

⁶⁸ Ver p. 32 deste estudo.

Perlmutter⁶⁹ no interior da Sintaxe Relacional e só posteriormente adotada por Burzio (1986). Os verbos inacusativos - ou ergativos, conforme a nomenclatura deste autor - são geralmente definidos como verbos que não selecionam um argumento externo, mas possuem um argumento interno que, na SS, ocupa a posição de sujeito. O verbo inacusativo se caracteriza também por não atribuir papel temático ao argumento que ocupa a posição de sujeito. Tendo somente um papel temático para atribuir, este será descarregado no seu argumento interno.

O termo "inacusativo" está relacionado à incapacidade do verbo em atribuir Caso Acusativo⁷⁰, mesmo possuindo um NP complemento. Entretanto, esse NP complemento precisa suprir essa deficiência e o faz através de um marcador de caso externo ao VP. Mioto *et alii* (2000: 137) exemplificam com (111) abaixo:

(85) a. A encomenda chegou.



No exemplo acima, o atribuidor de caso é o núcleo I. Note que o NP se move para Spec IP para receber nominativo. O movimento do NP não é bloqueado porque um verbo inacusativo

⁶⁹ *apud* Levin & Hovav (1995)

⁷⁰ Por razões de pertinência, o presente estudo não tratará aprofundadamente a Teoria do Caso.

⁷¹ IP = *inflectional phrase* (sintagma flexional)

⁷² DP = *determiner phrase*

como *chegar* não possui argumento externo e não há, portanto, nada que impeça o movimento para essa posição. Assim, *a encomenda*, que é originado na posição de argumento interno, passa a ocupar a posição de sujeito, recebendo Caso Nominativo.

Ao tratar da diferenciação entre as classes verbais, Burzio (1986) apresenta, além dos tradicionais transitivos e intransitivos, uma terceira classe a que ele denomina ergativos. A heterogeneidade do grupo dos verbos tradicionalmente classificados como intransitivos, segundo o autor, é um bom argumento para defender a existência dessa terceira classe. Sua análise procura mostrar como verbos comumente considerados intransitivos, como os italianos *arrivare* (chegar) e *affondare* (afundar), possuem um comportamento um pouco diferente dos demais. Ele aponta, por exemplo, a possibilidade de construções como:

c. a. L'artigleria affondò **due navi**.

a artilharia afundar dois navios

"A artilharia afundou dois navios."

b. Affondarono **due navi**.

afundar dois navios

"Dois navios afundaram."

Nessas construções há uma correlação evidente entre o objeto direto do *affondare* "transitivo" (112a) e o sujeito do *affondare* "intransitivo" (112b). E foi essa correlação que levou a pensar que não se tratavam de dois verbos *affondare* distintos, um transitivo e outro intransitivo, mas sim de um único verbo, pertencente a uma terceira classe verbal, cuja característica principal consiste no fato de terem a mesma subcategorização e terem como única diferença um parâmetro lexical que é justamente atribuir ou não papel temático para a posição de

sujeito. Assim, conforme Burzio, uma sentença como (113a) possui atribuição de papel temático ao sujeito, ao passo que (113b) não.

(113) a. [L'artiglieria] affondare due navi.

(+ θ) *a artilharia afundar dois navios*

b. [e] affondare due navi.

(- θ) *afundar dois navios*

E se houver movimento de NP, mova- α , numa sentença como a de (113b), obter-se-á por resultado (114):

(114) [**Due navi**]*i affondarono ti.*

Segundo Burzio, esses pares AVB/ BV (A verbo B/ B verbo) constituem a classe dos verbos ergativos⁷³, já que não se trata de uma característica de todos os verbos intransitivos. Essa classe inclui também aqueles verbos em que, na construção BV, aparecem com o reflexivo *si* do italiano, que não recebe papel sintático, sendo simplesmente um afixo:

(115) a. Il vetro si rompe.

"O vidro (se) quebra."

⁷³ Outra característica da ergatividade apontada por Burzio é a possibilidade de cliticização do *ne* – partícula do italiano, cujo significado é “deles” – que só é possível com verbos ergativos ou sujeitos indexados a objetos diretos:

- (v) Ne arriveranno molti.
 deles chegarão muitos
 Muitos deles chegarão.
- (vi) * Ne telefoneranno molti.
 deles telefonarão muitos.
- (vii) * Ne examineranno il caso molti.
 deles examinarão o caso muitos.

b. Giovanni rompe il vetro.

"Giovanni quebra o vidro."

A classe dos ergativos é também estudada por Eliseu (1984: ii):

Nas construções com verbos ergativos, (ib), o constituinte nominal em posição de sujeito é um elemento subcategorizado pelo verbo, como se pode observar pela comparação de (ia e b), em que ocorre um dos casos de verbos ergativos:

- (i) a. O governo aumentou os impostos.
- b. Os impostos aumentaram.

Segundo a descrição habitual, o verbo de (ib) é considerado um verbo intransitivo (...) tal não é o caso, nomeadamente porque o nominal em posição de sujeito em (ib) é, ao nível estrutural inicial, definido pelas propriedades lexicais do verbo, um objecto direto.

Embora Eliseu considere, como Burzio⁷⁴, a possibilidade de alternância AVB/BV elemento crucial para a caracterização dos verbos ergativos, ele questiona as construções com *se* (*si* do italiano) como pertencentes à mesma classe verbal. Segundo este autor, que analisa verbos ergativos no PE, assim haveria dois tipos de verbos ergativos: os que admitem o clítico *se* e os que não admitem.

(116) a. * O barco afundou.⁷⁵

 b. * A janela partiu.

(117) a. * Os impostos aumentaram-se.

 b. * A Maria envelheceu-se.

Mas como explicar essas diferenças? A que se deve a presença do clítico com alguns ergativos, mas não com outros? Para Eliseu, a possibilidade de alternâncias AVB/BV com clítico é muito maior que as sem ele.

⁷⁴ Eliseu consultou, diferentemente deste estudo:

BURZIO, Luigi. *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. Tese de doutoramento, MIT, Cambridge, 1981.

⁷⁵ No PB, o verbo *afundar* não necessita da presença do clítico, de forma que a sentença em (116a) é aceitável.

(118) a. O vento partiu a janela.

b. A janela partiu-se.

(119) a. Os desgostos envelheceram a Maria.

b. A Maria envelheceu.

Eliseu considera a maior produtividade de construções como (118) atribuível a um fenômeno sintático. Em outras palavras, o que este autor defende é que o fato de objeto direto estar em posição inicial, nas construções com clítico, se deve a peculiaridades da construção e não dos verbos em si, o que significa dizer que, ao se considerar tais verbos como ergativos, dever-se-ia considerar também as construções passivas, como a "passiva de se" exemplificada por Eliseu em:

(120) Esses livros compram-se na Livraria da Associação.

Assim, ao contrário de Burzio, para quem as construções com *se* são casos de alternância ABV/BV, Eliseu defende que se trata, na verdade, de uma relação inversa: BV/AVB.

(121) Os impostos aumentaram.

→ O governo aumentou os impostos.

Tendo feito essas considerações, Eliseu (1984:21-22) aponta uma série de propriedades que os verbos ergativos apresentam:

- a) ocorrem em construções "intransitivas" cujo constituinte nominal é o sujeito superficial das orações;
- b) o sujeito superficial dos verbos ergativos pode ser objecto de determinados processos que afectam tipicamente o objecto directo dos verbos transitivos (cf. formação de Participio Absoluto);
- c) as formas participiais destes verbos têm propriedades comuns aos participios dos verbos transitivos (cf. ocorrência no Participio Absoluto, em posição predicativa e atributiva);

- d) o sujeito superficial dos verbos ergativos não pode ser interpretado como um agente (cf. formação de nominais em -or);
- e) no caso dos verbos ergativos que ocorrem em pares de construções transitiva/ intransitiva, a relação entre o verbo e o sujeito superficial da forma intransitiva é a mesma que existe entre o verbo e o objecto directo, na forma intransitiva.

As propriedades dos verbos ergativos apontadas por Eliseu são retomadas no trabalho de Nascimento (2002), particularmente interessante para eliminar confusões terminológicas. A autora divide os verbos *monoargumentais* em intransitivos (que seleccionam argumento externo) e inacusativos (que seleccionam argumento interno). A classificação de Nascimento permite fugir das dificuldades criadas pelo fato de se afirmar que os verbos intransitivos são subdivididos em intransitivos (*sic*) e ergativos. Ou então, que as subclasses dos intransitivos são inergativos (= intransitivos) e ergativos (=inacusativos). Qualquer dificuldade em se compreender essa "dança dos termos" não será à toa.

3.2.2 A noção de inacusatividade aplicada às perífrases com o verbo *começar*

Além da hipótese sintática de *começar* como verbo leve, outra análise levantada para construções com *começar* é a de que ele seja um verbo inacusativo. Para considerar essa hipótese é preciso seguir os passos propostos por Mioto *et alii* (2000): (i) mostrar que *começar* possui um argumento interno, mas não tem um argumento externo e (ii) mostrar que o NP que ocupa a posição de sujeito não é o argumento externo de *começar*. Ora, o comportamento deste verbo faz com que se desconfie que, na verdade, ele não possui um argumento externo e não atribui a este um papel temático. Observe as seguintes sentenças⁷⁶:

⁷⁶ Os exemplos (123) e (124) são de versões para o PB de sentenças inglesas citadas por Leitner (1994) e os exemplos (126) e (127) são adaptações de Mioto *et alii* (2000).

(122) *O João começou um homem jovem.

(123) (?) João começou jovem.

(124) O Monte Everest começa aqui.

(125) O concerto começou.

(126) Começa a chover na ilha.

(127) * A pedra começa a estar doente.

A hipótese da inacusatividade explicaria a agramaticalidade da sentença (127): não é possível que haja dois argumentos - um interno e um externo, se *começar* possui um único papel temático para atribuir. Assim, os argumentos que ocupam a posição de sujeito nas sentenças (123), (124) e (125) seriam gerados na posição de complemento interno, sem receber caso acusativo, e subiriam para a posição de sujeito, conforme segue:

(128) começar [_{sc} [João] jovem]

(129) começar [Monte Everest] aqui

(130) começar [o concerto]

A sentença (126), sem argumento externo, é boa para o PB, diferentemente de verbos como *desejar*, que não é inacusativo e impõe restrições ao seu argumento externo, conforme o exemplo de Mioto *et alii.*:

(131) *Deseja chover na ilha.

A sentença (127) exemplifica que há uma restrição imposta ao elemento que ocupa a posição de sujeito (*A pedra*), restrição imposta não por *começar*, mas por *estar doente*, mostrando

que ele não pode ser argumento de *começar*. Em outras palavras, *começar* não parece impor traços de transitividade e, sendo assim, não parece ser o responsável pela atribuição de papéis temáticos. Nos casos em que *começar* não vem acompanhado de infinitivo e gerúndio, o argumento que ocupa a posição de sujeito é, na verdade, o seu argumento interno (ver sentenças (123), (124) e (125) e suas correspondentes (128), (129) e (130)). O elemento que ocupa a posição de sujeito seria gerado internamente e, através de um movimento, passaria a ocupar a posição de sujeito sem receber, nessa posição, papel temático de *começar*.

Já nas sentenças com infinitivo e gerúndio, do que se ocupa esse trabalho, o argumento que ocupa a posição de sujeito seria, na verdade, o argumento externo do complemento sentencial. Burzio (1986), apontou a possibilidade da ocorrência de verbos inacusativos, mesmo com complementos sentenciais:

(132) [e] parece [João partir] → João parece partir.

(133) [e] parece [que João partiu] → Parece que João partiu.

Note que a presença de um CP⁷⁷ na sentença (133), cujo núcleo é o complementizador *que*, impede que haja movimento do elemento *João* para a posição de sujeito, restrição não existente em (132). Semelhantemente, teríamos o seguinte para as construções com gerúndio e infinitivo:

(134) [e] começou [João escrever a carta] → João começou a escrever a carta.

(135) [e] começou [João ___] escrevendo a carta → João começou escrevendo a carta.

⁷⁷ CP = *complementizer phrase*

Começar, como se está apontando, revela um comportamento tipicamente inacusativo, ou seja, o sujeito superficial é sempre gerado na posição de argumento interno. Observe que as sentenças (136a) e (136b) correspondem a (137a) e (137b):

(136) a. João começou a cantar.

b. O show começou.

(137) a. *e* começar [_{sc} João cantar]

b. *e* começar [o show]

Note que em relação à sentença (136b) é possível a alternância AVB/BV⁷⁸ (A verbo B/ B verbo) apontada por Burzio.

(138) a. O grupo musical começou o show.

b. O show começou.

No caso da sentença (137a) tem-se uma *small clause* gerada em DS como argumento interno e é o sujeito dessa *small clause* que ocupa a posição de sujeito superficial, conforme (136a). Essa é também a opinião de Rochette (1988) que será vista em maior detalhamento na próxima seção. Aliás, essa autora oferece mais um indício de que se está, em verdade, diante de uma estrutura inacusativa, principalmente se relacionarmos seu ponto de vista ao de Haegeman (1991: 331-332). Rochette diz que construções como as de *começar* são estruturas de alçamento⁷⁹ e Haegeman, tratando de verbos inacusativos, em especial da análise feita por Burzio, defende que verbos de alçamento pertencem à classe dos inacusativos, uma vez que não possuem

⁷⁸ Lembre que para Eliscu a alternância se dá de forma inversa: BV/ AVB (ver p. 54 do presente trabalho).

⁷⁹ Ver nota 84 e discussão sobre o assunto no item 3.3.

argumento externo. Além disso, o elemento que ocupa a posição de sujeito não recebe papel temático, nem caso Acusativo, mesmo tendo sido gerado na posição de argumento interno. Note ainda que sentenças como (136a/ 137a) apresentam um comportamento semelhante às de (139a) e (139b) abaixo, com o verbo *parecer*⁸⁰.

(139) a. Poirot parece ter destruído a evidência.

b. *parecer* [Poirot ter destruído a evidência].

É interessante observar que essa hipótese, a da inacusatividade, e a do verbo leve se sobrepõem no sentido de que as duas noções prevêm a defectividade da grade temática do verbo *começar*.

3.3 A estrutura sintática de verbos aspectuais segundo Rochette

Rochette (1988) analisa aspectos sintáticos e semânticos da complementação sentencial nas línguas românicas. Para esta autora, os verbos efetivos⁸¹, classe que inclui os verbos aspectuais, selecionam um tipo semântico por ela chamado de "ação"⁸². Esse tipo semântico, por sua vez, realiza-se como projeção da categoria V que é, segundo ela lembra, usualmente um complemento infinitivo nas línguas românicas. Há a possibilidade de se realizar também um

⁸⁰ O exemplo em (139) é uma versão para o PB do exemplo dado por Haegeman (1991: 332) para a língua inglesa.

⁸¹ Os verbos *efetivos* incluem, para o francês, os seguintes verbos: *achever de*, *aller*, *apprendre à*, *arrêter de*, *avoir à*, *avoir beau*, *cesser de*, *chercher à*, *commencer à*, *continuer à/ de*, *courir*, *daigner*, *désapprendre à/ de*, *descendre*, *devoir*, *différer de*, *essayer de*, *éviter de*, *faillir*, *finir de*, *méditer de*, *menacer de*, *monter*, *négliger de*, *oser*, *pouvoir*, *promettre de*, *remettre de*, *retourner*, *risquer de*, *tâcher de*, *tenter de*, *venir*, *vouloir*, *contraindre NP à*, *forcer NP à*, *obliger NP à*.

⁸² É necessário lembrar que o termo "ação" não está relacionado especificamente a verbos que são verdadeiramente "ativos". Trata-se, mais especificamente, de uma "mudança de estado", o que ajuda a explicar a restrição de predicados efetivos em relação aos estativos.

nome como complemento desses verbos, mas estes são, na verdade, simples nominalizações da ação, envolvendo o mesmo papel semântico "ação" que é s-selecionado pelo verbo efetivo.

Assim, em sentenças como (140) abaixo, temos nomes que só podem ser interpretados de acordo com o papel semântico "ação" já que admitem uma paráfrase com complemento infinitivo como (141):

(140) João está começando **a leitura do livro**.

(141) João está começando **a ler o livro**.

Outras sentenças como (142) apresentam um complemento nominal concreto que, em verdade, não pode ser considerado a nominalização de uma ação. Mesmo assim, está implícito na sentença um complemento infinitivo, de acordo com o que se aponta em (143):

(142) João está começando **um novo livro**.

(143) a. João está começando **a ler um novo livro**.

b. João está começando **a escrever um novo livro**.

Levando em conta as características de seleção argumental e interessada nas estruturas sintáticas desses verbos, ela analisa também, baseando-se em Zubizarreta⁸³, a atribuição de papel temático e a diferenciação entre estruturas de controle e de alçamento⁸⁴. Rochette lembra que verbos como *commencer* são freqüentemente tratados na literatura lingüística como casos mistos,

⁸³ *apud* Rochette (1988)

⁸⁴ Embora não seja do interesse deste trabalho aprofundar-se nessas questões, é importante esclarecer que estruturas de controle se caracterizam pelo fato dos dois verbos presentes na estrutura selecionarem um sujeito que corresponde a um mesmo referente. O sujeito do verbo mais baixo realiza-se como um PRO controlado pelo sujeito do verbo mais alto e os dois verbos atribuem papel temático para o elemento que ocupa a posição de sujeito. Já a estrutura de alçamento tem por característica o movimento do sujeito, deixando uma categoria vazia. O verbo mais alto não atribui papel temático.

ou seja, que podem tanto pertencer a uma estrutura de controle como de alçamento. Mesmo assim, ela acaba por assumir que se trata sempre de uma estrutura de alçamento, em observância a sentenças como:

(144) João começou o livro.

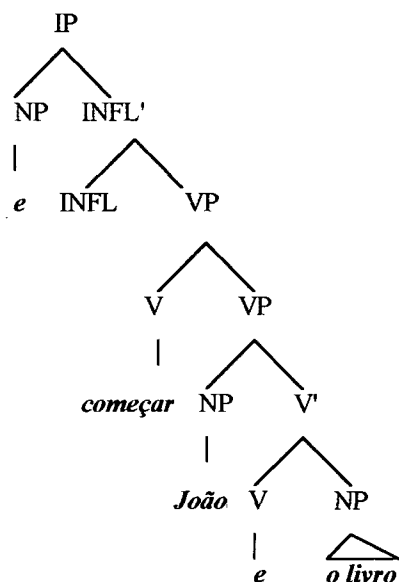
Segundo sua argumentação, em (144) o sujeito *João* parece ser o agente do verbo *começar*, mas isso se deve ao fato de ele receber um papel temático de um verbo implícito de seu complemento "ação". É que, para Rochette, esses verbos selecionam sempre um complemento "ação" que, no caso da sentença (144), está implícito. Verbos como *começar*, portanto, não atribuem nenhum papel temático.

Tendo em vista essas considerações e como já citado na seção anterior, Rochette (1988: 214) sugere que se trata de estruturas de alçamento, ou seja, que envolvem movimento: "o sujeito superficial e o objeto direto seriam gerados na DS como um sujeito de *small clause*", conforme (145):

(145) *e* começar [_{NP} João [_{NP} o livro]]

Ela sugere ainda que há um nódulo verbal vazio nos complementos de tais verbos, hipótese que se motiva pela necessidade de dar conta do fato de que o sujeito superficial parece receber seu papel temático de um verbo implícito. Haveria, portanto, uma DS tal qual a que se expõe em (146):

(146)



A presente dissertação fez referência anteriormente, na seção 2.1, a um trabalho posterior de Rochette, de 1993, no qual ela diz que, em verdade, verbos como *começar* se comportam de maneira um pouco diferente dos demais efetivos e selecionam a categoria semântica "processo". E na seção 3.1.2 fez-se referência à estrutura complexa que ela sugeriu neste trabalho para perífrases de *começar* e infinitivo que volta a ser reproduzida em (147) abaixo:

(147) a. *começar* : (processo)

b. [_{VP} *começar* [_{VP} ...]]

Como é possível observar, Rochette defende que a estrutura sintática de verbos como *começar* envolva um predicado complexo, ou seja, um complexo de dois VPs encaixados um no outro. Esse posicionamento dá respaldo para a hipótese investigada neste trabalho, segundo a qual perífrases desse tipo constituiriam uma concha-VP, sendo o núcleo mais alto ocupado pelo

começar, um verbo leve pois se caracteriza pela incapacidade de atribuir papéis temáticos, e o núcleo mais baixo pelo verbo do complemento infinitivo.

No próximo capítulo, voltar-se-á a essa hipótese, bem como à da inacusatividade, a fim de discutir uma estrutura sintática possível não só para as construções em que aparece infinitivo, mas também para aquelas com gerúndio.

CAPÍTULO 4

Reflexão final sobre as perífrases com *começar*

4. 0 Introdução

Este estudo, como se sabe, foi motivado pelo trabalho de Dascal (1982), mas dedica-se exclusivamente a duas das construções estudadas por este autor: aquela em que o verbo *começar* aparece seguido de infinitivo⁸⁵ e a outra em que vem seguido de gerúndio. Semanticamente, pareceu razoável julgar que as duas fossem pertencentes a uma mesma família, a de "indicadores de fase". Porém, como o próprio Dascal salientava, há diferenças de sentido entre elas. As construções do tipo *começar* + gerúndio dão a idéia de uma série de eventos, sendo que o gerúndio localiza o primeiro dessa série. Dessa maneira, numa sentença como:

(148) Maria começou lavando a louça.

parece razoável imaginar que depois de lavar a louça, Maria ainda fez outras tarefas. Além disso, outro ponto que distancia as construções com gerúndio daquelas com infinitivo é a possibilidade de se inserir entre o *começar* e o gerúndio ou um complemento infinitivo ou um NP que denote um intervalo de tempo:

⁸⁵ Este estudo refere-se unicamente às construções em que *começar* aparece seguido da preposição *a* e infinitivo.

(149) Maria começou **a limpar a cozinha** lavando a louça.

(150) Maria começou **seu dia** lavando a louça.

A interpretação de que se está diante de uma série de eventos está embutida nas sentenças com gerúndio, mas não naquelas com infinitivo. Em sentenças como (151) abaixo, o que se entende é que Maria deu início a um único evento, o de lavar a louça, e não há possibilidade de se pensar numa sucessão de eventos somente por essa sentença.

(151) Maria começou a lavar a louça.

Assim, nas palavras do próprio Dascal⁸⁶, com gerúndio tem-se o "início de uma série de eventos, processos ou estados", ao passo que, com infinitivo, "o começo denotado é sempre o próprio começo da ação, evento, processo ou estado descrito pelo verbo". Essa constatação levou ao desejo de uma reflexão mais aprofundada no que tange à representação sintática dessas estruturas. Embora classificadas como pertencentes à mesma família semântica, essas construções pertenceriam também ao mesmo fenômeno sintático? Em outras palavras, teriam elas a mesma estrutura sintática ou diferenças de ordem semântica repercutiriam nessa estrutura?

Para fazer tal análise, fez-se necessário percorrer o espinhoso caminho que circunda o terreno da auxiliaridade. Observou-se que, dada a confusão terminológica e o desencontro dos conceitos, é muito complicado definir o que é um auxiliar. Trata-se, como se viu, de uma noção pouco precisa. Considerar ou não um verbo como auxiliar depende muito dos autores nos quais se apóia, se se adota uma postura mais conservadora (e, portanto, reduz-se à lista aos clássicos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*) ou mais liberal (acrescentando à lista verbos que, sem algum esforço, não

⁸⁶ Ver página 15 deste trabalho.

figurariam nela como os chamados auxiliares sensitivos *ver, ouvir, sentir*⁸⁷). E, como não poderia deixar de ser, se é complexo definir o que é um auxiliar, também é difícil definir o que é uma perífrase, fator que explica a preocupação de Dascal em esclarecer que utilizava o termo "com certa liberdade" e que, sem maiores aprofundamentos e problematizações, simplesmente tomava como auxiliares os verbos sob sua análise.

Reconhecendo as dificuldades, mas acreditando no mérito dos que se aventuraram a estudar a questão da auxiliaridade com maior afinco, esta dissertação procurou observar mais de perto a noção da aspectualidade, já que *começar* figurava na lista dos auxiliares aspectuais. Motivo de estranhamento, mas também indício de que infinitivo e gerúndio não poderiam ser tratados como iguais num estudo sintático, foi o fato de *começar* somente ser considerado auxiliar quando seguido da preposição *a* e infinitivo. A construção com gerúndio nunca foi citada na lista das construções em que figurava o auxiliar aspectual *começar*. O que isso significava?

Partindo para a análise sintática propriamente dita, investigou-se duas hipóteses: a do verbo leve e a do verbo inacusativo. Dedicou-se atenção também à estrutura proposta por Rochette (1988, 1993), a fim de buscar fundamentos para postular uma estrutura sintática coerente com o que se observou ao longo deste estudo. Neste capítulo, atendendo ao objetivo maior deste trabalho que é o de diferenciar as construções de infinitivo e gerúndio no âmbito sintático, se faz uma última análise da complementação do verbo *começar* com vistas a propor um olhar sintático às perífrases em que ele aparece. Obviamente, muito ainda se tem a dizer sobre o assunto. A estrutura sintática que se sugere é um convite para que outros também se dediquem a observar mais de perto o *status* das formas nominais quando combinadas não só com *começar*, mas também com outros verbos aspectuais. Certamente, este trabalho levanta mais dúvidas que

⁸⁷ Esses verbos figuram na lista do gramático Epiphanyo Dias (*apud* Pontes (1973)).

propriamente dá respostas, mas se tiver incitado outros a pesquisarem sobre esse fenômeno, terá valido todo o esforço.

4.1 A complementação do verbo *começar* e a estrutura sintática de uma perífrase

Alguns autores se dedicaram a estudar a complementação dos verbos aspectuais como *começar* (entre eles estão Almeida (1980) e Dascal (1982) para o PB, Freed (1979) e Leitner (1994) para o inglês, Torrego (1988) para o espanhol, e Rochette (1988, 1993) para as línguas românicas como um todo, mas em especial para o francês). No caso das línguas românicas, há quase uniformidade em se afirmar que verbos aspectuais tomam complementos infinitivos. Uma exceção a essa afirmação é o romeno (Rochette (1988: 215)), no qual a complementação é flexionada, diferentemente das outras línguas, e aparece no modo subjuntivo.

De modo geral, os autores não estudam a combinação desses verbos com gerúndio, também porque, em muitas línguas, o gerúndio não ocorre nesse tipo de construção. Trata-se de uma particularidade do português, até onde se tem notícia. Além disso, há casos como os do inglês em que o *-ing* (gerúndio) tem valor de infinitivo. Então, embora a presença do *-ing* na complementação dos verbos *begin* e *start* seja possível, na verdade a opção por um ou outro não altera a interpretação. Assim, as sentenças (152a) e (152b)⁸⁸ são traduzidas para o PB com infinitivo, como aparece em (153):

(152) a. Linda started to write her second book.

b. Linda started writing her second book.

⁸⁸ Os exemplos são de Freed (1979: 2).

(153) Linda começou a escrever seu segundo livro.

Em seu estudo de perífrases verbais no espanhol, Torrego (1988) admite a complementação com gerúndio. Porém, ele distingue "perífrases" de "semiperífrases". Nas primeiras, o caráter imperfectivo do gerúndio seria dominante, como nos casos em que os verbos *estar*, *seguir*, *ir*, *venir*, *andar*, *llevar* são seguidos de gerúndio. Já nas "semiperífrases", dominaria o caráter semântico do primeiro verbo, como é o caso de construções em que o gerúndio vem precedido por *empezar* (começar), nas quais dominaria o caráter incoativo. No seu entender, construções como essa estariam longe de poderem ser consideradas perífrases:

Estas construcciones están también lejos de poder ser consideradas perífrasis, pues los gerundios correspondientes actúan con valor adverbial o circunstancial:

Empecé aprobando

¿ Como empezaste (el curso)? - Aprobando

(...) Así pues (...) con *empezar* (*comenzar*) + **gerundio** se expresa el inicio de un proceso con valor *puntual*, valor que viene dado por el significado del verbo *empezar* (*comenzar*). (p. 171-172)

Daí se deduz que o complemento por excelência seria o infinitivo, já que construções do tipo *empezar/ comenzar + a + infinitivo* são consideradas perífrases incoativas.

A posição defendida na presente dissertação é que o verbo *começar* só admite dois tipos de complementos. Esta é também a posição de Rochette (1988: 61): "Aspectual verbs can appear with tenseless complements or direct object NPs" e "these direct object NPs fulfill the same semantic role as the tenseless complements". Assim, admite-se para *começar*, que é o verbo aspectual em análise, um complemento infinitivo ou um NP objeto direto. Para tornar mais claro que tipo de NP pode aparecer como objeto nessas construções, está-se considerando aqui um NP que denote um intervalo de tempo. Assim, o papel semântico que Rochette⁸⁹ diz ser compartilhado por infinitivos e NPs que figuram como complementos de verbos aspectuais está

⁸⁹ É importante salientar que, para Rochette, NPs e complementos infinitivos de verbos aspectuais como *começar* compartilham um tipo semântico que ela denomina de "ação", assunto já tratado anteriormente.

sendo assumido neste estudo, como sendo o intervalo de tempo que denotam. A categoria "processo" que, segundo ela, é selecionada por verbos como *começar*, inclui primordialmente *activities* e *accomplishments*, tipos verbais que certamente tomam uma parcela de tempo. Se alguém corre (*activity*) ou corre um quilômetro (*accomplishment*), certamente o faz em um tempo que pode ser dividido em vários intervalos. Talvez a restrição aos estativos, apontada por muitos autores, esteja nessa característica. Que intervalo de tempo é selecionado por *amar* ou *saber*? Só se pode utilizar esses verbos em combinação com os aspectuais quando se provoca neles uma espécie de serialização (o que também torna mais aceitável combinações com *achievement verbs*), tal qual defende Lamiroy⁹⁰ e já apresentado no item 2.1 desta dissertação.

Observe que, nas sentenças abaixo, tanto os NPs das sentenças (154), (155), (156) e (157), como os complementos infinitivos de (158), (159) e (160) denotam um intervalo de tempo. Quando aparece acompanhado de um NP, tem-se ainda um verbo aspectual que age sobre o intervalo de tempo ali presente. Quando há um complemento infinitivo, tem-se uma perífrase e, como seu constituinte, um auxiliar aspectual. Assim, de uma forma ou de outra, *começar* é sempre um aspectualizador que age sobre o intervalo de tempo de seu argumento interno.

(154) Ele começou **o trabalho** às 8 horas.

(155) Ele começou **a conferência** atrasado.

(156) Ele começou **seu dia** bem.

(157) Ele começou **um novo quadro**.

(158) Ele começou **a correr** às 8 horas.

(159) Ele começou **a trabalhar** cedo.

⁹⁰ *apud* Rochette (1993)

(160) Ele começou **a jogar bola** na infância.

As características da complementação de *começar* - ou *begin* (ing.), ou *commencer* (fr.), ou *comenzar/empezar* (esp.) - foram estudadas por diferentes autores, chegando a conclusões que não se distanciam muito umas das outras e que, em grande medida, estão apresentadas também neste trabalho. Porém, quase ninguém dedicou-se a avaliar a(s) diferença(s) ou a(s) semelhança(s) que envolvem o uso do infinitivo e do gerúndio, por razões já esclarecidas. Percorrer a literatura lingüística em busca de informações que possam clarear esse problema é uma aventura pouco produtiva. Na verdade, o que se conclui é que o gerúndio não pertence à complementação de *começar*. As línguas românicas tendem a selecionar sempre um complemento infinitivo - ou um NP - mas não um complemento gerundivo. Assim, este trabalho sugere que o gerúndio está em adjunção na estrutura, não sendo, portanto, um argumento interno de *começar*. Observe os exemplos abaixo:

- (161) a. A polícia começou a caçar o franco-atirador.
 b. A polícia começou caçando o franco-atirador.
 c. A polícia começou a desvendar o mistério dos crimes caçando o franco atirador.
 d. A polícia começou a ter fama caçando o franco-atirador.
 e. A polícia começou a batalha contra o crime caçando o franco-atirador.

As sentenças em (161) ilustram muito bem o fato de infinitivo e gerúndio não possuírem o mesmo *status* na estrutura sintática das sentenças com *começar*. O primeiro dos indícios que levam a essa conclusão, e que já foi apontado diversas vezes neste trabalho, é a diferença de interpretação entre (161a) e (161b). Em (161a) tem-se a referência ao início da atividade de caça

ao franco-atirador. Em (161b), porém, caçar o franco-atirador foi somente uma das fases de uma atividade maior, talvez a investigação para a solução de um assassinato, por exemplo. O segundo indício diz respeito à permanente possibilidade de se inserir entre o verbo e o gerúndio um complemento infinitivo, como (161c) e (161d), ou ainda um NP, como (161e). Por aí, tem-se razões suficientes para pensar que os verdadeiros complementos para *começar* são ou o infinitivo, ou o NP.

Notável também é a agramaticalidade de sentenças como (162d). Por que um falante nativo não construiria uma sentença como essa, mas enunciaria sem problemas outra como (162b)? A questão parece estar relacionada ao sintagma *depois de consultar uma ótima nutricionista*. Parece que o gerúndio não se sai muito bem quando associado a sintagmas adverbiais desse tipo porque o próprio gerúndio tem a função de predicar o intervalo de tempo selecionado por *começar*, ou seja, seu escopo está sempre relacionado ao sintagma verbal, cujo núcleo é *começar*. Isso explicaria a agramaticalidade de (162d). Observe:

- (162) a. Comecei a perder peso.
 b. Comecei perdendo peso.
 c. Comecei a perder peso depois de consultar uma ótima nutricionista.
 d. * Comecei perdendo peso depois de consultar uma ótima nutricionista.

Dessa maneira, pode-se sugerir que o escopo do adjunto *depois de consultar uma ótima nutricionista* deva recair obrigatoriamente sobre a expressão que contém o gerúndio para ser gramatical, como em (163) abaixo. Se, ao contrário, o escopo recair sobre o sintagma verbal nucleado por *começar*, tal como ocorre em (162d) repetida em (164), a sentença será agramatical.

(163) Comecei [perdendo peso] [na barriga].

(164) * Comecei [perdendo peso] [depois de consultar uma ótima nutricionista].

Note que em (163) a expressão *na barriga* teria escopo sobre *perdendo peso*, ao passo que na sentença (164), o adjunto *depois de consultar uma ótima nutricionista* teria escopo sobre *comecei perdendo peso*, tornando-se, por isso, agramatical.

Vale lembrar também que a agramaticalidade desaparece em sentenças como (165), (166) e (167):

(165) Comecei fazendo exercícios físicos [na segunda feira].

(166) Comecei vendendo cosméticos [na juventude].

(167) Comecei vendendo livros [nos fins de semana], mas me dei tão bem que passei a exercer esta atividade diariamente.

Então, vale ressaltar uma vez mais o fato de o gerúndio sempre predicar o intervalo de tempo selecionado por *começar*. Observe que em (168b), *fazendo exercícios físicos* refere-se à atividade a cujo início se faz menção na sentença. Ela está implícita, mas o fato é que se começou alguma coisa fazendo exercícios físicos. Isso fica mais claro em (168c).

(168) a. Comecei [a fazer exercícios físicos].

b. Comecei [____] fazendo exercícios físicos.

c. Comecei [a melhorar minha saúde] fazendo exercícios físicos.

Defende-se, portanto, no presente trabalho, que uma construção do tipo começar + gerúndio não pode ser considerada uma perífrase porque o gerúndio não está no interior do complexo verbal a que pertence *começar*. Sendo assim, torna-se claro o motivo que leva os

estudiosos a só considerarem *começar a* um verbo auxiliar. É que, nesse caso, há a formação de um complexo, no qual a aspectualidade do primeiro verbo atua sobre o elemento verbal no infinitivo. O gerúndio, nesse tipo de construção, é um elemento em adjunção, um **predicado secundário**.

Foltran (1999) analisa a predicação secundária no PB. Ela utiliza o trabalho de Rothstein⁹¹ para definir um predicado secundário, ou adjunto, distinguindo-o dos predicados ditos oracionais, ou primários (Foltran 1999: 34-35):

A restrição para os predicados adjuntos (ou predicação secundária) diz que o sujeito de um predicado secundário é um argumento θ -marcado por outro núcleo lexical. A predicação primária ocorre quando o sujeito e o predicado formam um constituinte juntos, e quando o sujeito não é tematicamente licenciado fora da relação de predicação em que ele ocorre. (...) A classe dos predicados secundários define a classe sintática dos adjuntos. XPs adjuntos nunca são θ -marcados, não constituindo, portanto, argumentos e necessitando, por isso, de um sujeito para exercer a predicação. (...) Enquanto o predicado primário é oracional, o predicado secundário não é. (...) Na predicação primária, o sujeito é licenciado pela relação de predicação. Já na predicação secundária, o sujeito deve se submeter a condição de ser também θ -marcado numa relação fora da relação de predicação secundária. (...) A predicação secundária, diferente da primária, não forma um constituinte.

O predicado secundário é, por definição, um adjunto. Isso ocorre porque não se trata de um argumento da projeção verbal a que está relacionado, ou seja, o verbo não o seleciona. Foltran diferencia dois tipos de predicados secundários existentes no PB: os orientados para o sujeito e os orientados para o objeto. Os primeiros estariam adjungidos a IP, ao passo que os segundos fariam parte do VP. Para o presente trabalho, interessa particularmente o segundo tipo, porque parece ser o caso do gerúndio nas construções em que aparece com *começar*.

Para Foltran, é inquestionável que predicados secundários orientados para o objeto estejam adjungidos ao VP e, mais especificamente, a autora defende que essa adjunção não se dá em V' ou em V, mas na projeção máxima (VP). Assim, para os fins da presente pesquisa, defender-se-á estruturas diferentes para construções de *começar + a + infinitivo* e de *começar +*

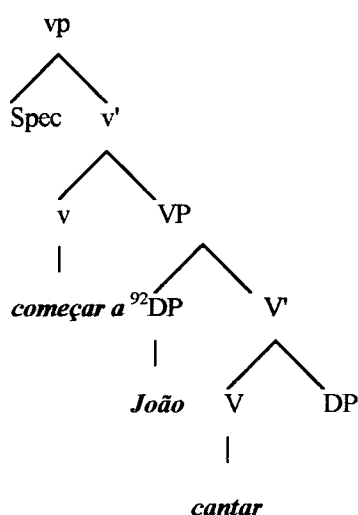
⁹¹ *apud* Foltran (1999)

gerúndio, tomando esta última como uma estrutura em que o gerúndio está em adjunção ao VP, cujo núcleo é *começar*.

As construções do tipo *começar* + *a* + infinitivo, de acordo com o que se observou neste estudo, teriam uma estrutura sintática como (171), tomando por exemplo a sentença (170):

(149) João começou a cantar.

(150)



Trata-se de uma estrutura de alçamento, na qual *João* move-se para a posição Spec IP na SS. É uma concha VP, conforme Larson (1988) e Radford (1997). *Começar* ocupa a posição do verbo leve abstrato. Como se vê, não se trata de um elemento nulo, mas é possível considerá-lo um verbo leve, já que não é responsável pela atribuição de papéis temáticos. Podemos, inclusive, considerá-lo como um verbo inacusativo, já que seu argumento externo será sempre a realização superficial do sujeito de seu argumento infinitivo. A hipótese da inacusatividade, entretanto, encontra maior resistência, quando levamos em conta os NPs que complementam *começar*.

⁹² Em virtude da preposição *a* estar sempre acompanhando o verbo, achou-se por bem mantê-la junto a ele na posição nuclear. Há que se ressaltar, entretanto, que essa configuração é problemática.

(171) João começou a carta.

Parece complicado conceber uma DS como:

(172) começar [João a carta]

a menos que se considere que, nesse caso, há um complemento infinitivo implícito, ou nulo, correspondente a uma sentença como (174):

(173) começar [João Ø a carta]

(174) João começou a escrever a carta.

Esta análise se aproxima do que propôs Rochette (1988). Em seu trabalho, ela defende que se trata de uma *small clause* e que há sempre um verbo implícito que denota "ação". Dessa maneira, haverá sempre a mesma estrutura para construções com o verbo *começar*. Quando há um complemento infinitivo, este ocupa a posição nuclear do VP interno, quando há um NP, este ocupará a posição de DP complemento do VP mais baixo e a posição nuclear será ocupada por um verbo nulo.

Assim, tanto a hipótese do verbo leve, como a do verbo inacusativo parecem ser aplicáveis ao verbo *começar* quando seguido de infinitivo ou de um NP. Estes argumentos precisam, obrigatoriamente, denotar um intervalo de tempo, exigência de ordem semântica. Há, pelo que se observa, a necessidade desse argumento infinitivo, mas como ele pode ficar implícito, está-se considerando que o NP também é um argumento possível para o verbo sob análise.

Para comprovar o que se afirmou nos dois parágrafos anteriores, observe os exemplos (175), (176) e (177):

(175) a. Maria começou a tese.

b. Maria começou **a escrever** a tese.

(176) a. A cozinheira começou o almoço.

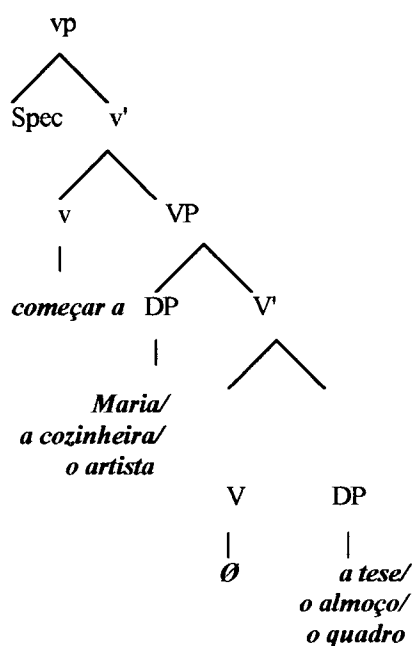
b. A cozinheira começou **a preparar** o almoço.

(177) a. O artista começou o quadro.

b. O artista começou **a pintar** o quadro.

Para as sentenças (a), tem-se estruturas como em (178a) abaixo:

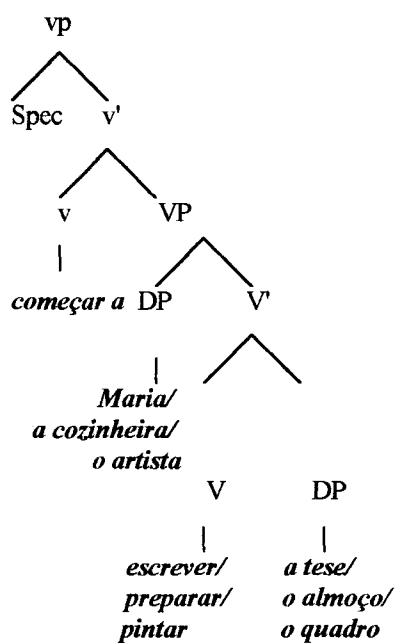
(178) a.



Observe que os NPs *a tese*, *o almoço* e *o quadro* pressupõem um intervalo de tempo, mas essa pressuposição é dada, em verdade, pelo verbo nulo que é possível inferir na estrutura. Isso permite que eles ocorram com *começar*. Note que em (178a) o núcleo do VP mais baixo está vazio, porque ele pode ser suprimido sem prejuízo da interpretação da sentença. Em verdade, as

sentenças em (a) correspondem à estrutura dada em (178b), equivalente às de (175b), (176b) e (177b):

((178) b.



Contudo, há casos em que não é possível inferir o verbo como nas sentenças (180a) e (179b):

(179) a. Maria começou **o dia** cantando.

b. **O concerto** já começou.

Em casos como os de (179) acima, os próprios NPs *o dia* e *o concerto*⁹³ denotam um intervalo de tempo e, por isso, podem ser divididos em fases. É imprescindível ressaltar,

⁹³ Note que em (179b), tem-se uma estrutura tipicamente inacusativa, como já se apontou no capítulo anterior (rever p. 58 do presente trabalho).

entretanto, que o fato de não ser possível inferir o verbo não muda nada na estrutura. Ter-se-á uma representação como a de (178a), em que *o dia* e *o concerto* ocupam a mesma posição de *a tese*, *o almoço* e *o quadro*.

Já as construções com gerúndio são interessantes porque permitem que o argumento interno do verbo *começar* seja suprimido. Não há necessidade de que apareça nem infinitivo, nem NP, quando a construção exibe um gerúndio, como em (180), fato que ocorre também com qualquer sintagma adverbial, tal qual aparece em (181) e (182):

(180) Comecei bebendo coca-cola, mas logo passei às taças de Martini.

(181) Comecei tarde.

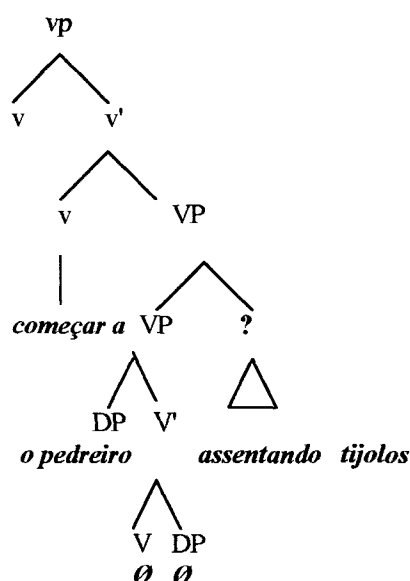
(182) Comecei às onze horas da noite.

Nas sentenças com gerúndio, como se sugeriu anteriormente, tem-se um predicado secundário adjungido ao VP. Aliás, os sintagmas adverbiais de (181) e (182) também são adjuntos. A posição do gerúndio não é a mesma da do infinitivo na estrutura sintática, o que faz com que uma construção do tipo começar + gerúndio, como a que aparece em (183) seja em SS tal qual (184):

(183) O pedreiro começou assentando tijolos.⁹⁴

⁹⁴ O constituinte *assentando tijolos* é uma *small clause*. Entretanto, como se vê na estrutura em (184), está-se deixando em aberto a categoria que domina esses elementos por não haver, no momento, uma solução. Há, na literatura lingüística, uma discussão que alega que SC não é uma categoria. Não será levada em conta a discussão a esse respeito por não se tratar de questão central para as intenções do presente trabalho.

(180)



Nesse caso, o argumento interno é inferido no contexto, o que parece ser mais campo da pragmática que da sintaxe, mas poderia vir preenchido. Por exemplo, para uma sentença como (185a) abaixo, *construir* ocuparia o núcleo V do VP interno da concha, ao passo que *a casa* ocuparia a posição de DP complemento no mesmo VP.

(185) a. O pedreiro começou a construir a casa assentando tijolos.

b. [_{vp} [_{v...}] [_{v'} começar [_{vp} [_{dp} o pedreiro] [_{v'} [_v construir] [_{dp} a casa]]]]
[_? assentando _{dp} tijolos]]]

De qualquer forma, o gerúndio está adjungido ao complexo verbal a que pertence *começar* e não se trata, portanto, de um argumento selecionado pelo núcleo do VP. *Começar*, aliás, será sempre núcleo do vp externo de uma concha-VP, que bem pode não ter realizados os argumentos do VP interno. Será também sempre um aspectualizador que age sobre um intervalo

de tempo, estando este intervalo explícito na estrutura ou não. O gerúndio, como se viu, estará sempre em adjunção, ocupando uma posição de predicado secundário. Essa configuração está de acordo com a hipótese maior que motiva este trabalho: as diferenças de sentido entre as construções com infinitivo e com gerúndio se refletem na sintaxe. O *status* de cada uma das formas nominais é diferente e elas não fazem parte do mesmo fenômeno sintático.

CAPÍTULO 5

Considerações Finais

Este trabalho sugere, como se viu, que um verbo aspectual pode ser considerado tanto um verbo leve, como um verbo inacusativo. Certamente cabe indagar se o ponto de intersecção existente entre essas duas noções, que é o da defectividade temática, permite, de fato, tal sugestão. Em relação à estrutura sintática aqui proposta é interessante ainda perguntar-se acerca da possibilidade de haver um complexo verbal mesmo sem a presença do segundo verbo. Em outras palavras, pode haver um complexo verbal em que o segundo verbo seja um elemento nulo? São questões pertinentes e relevantes, mas que, dadas as limitações de tempo, ficarão, ao menos por enquanto, sem uma resposta adequada.

Assim também a análise de muitas sentenças ficou fora deste trabalho, por apresentar aspectos problemáticos. Por exemplo, que verbo pode figurar implicitamente entre *começar* e *o dia* na sentença (186)?

(186) Ele começou bem o dia.

Qual seria o argumento de *começar* na letra da música de Ivan Lins e Vítor Martins, que constitui a epígrafe desta dissertação? Haveria algum argumento? Além disso, exemplos

coletados em duas circunstâncias de uso efetivo de perífrases por falantes nativos deixam dúvidas ainda sem resposta. O primeiro deles, em (187), foi extraído de uma redação escolar e causa estranheza pela combinação inusitada de *começar* e *parar*. Porém, no conjunto do texto de que fazia parte, versando sobre a adultização precoce das crianças, pareceu extremamente boa. O segundo exemplo, em (188), foi enunciado por um repórter de televisão, durante a transmissão ao vivo da posse do novo Presidente da República. E aí, o que causa estranheza é *começar* vir seguido de *deixar*. O que faz dessas sentenças plenamente aceitáveis, mesmo possuindo infinitivos de verbos que, teoricamente, não são boas combinações⁹⁵ para *começar*? Seriam questões de natureza pragmática?

(187) Hoje em dia, as crianças começam **a parar de brincar** muito cedo.

(188) O presidente eleito já começa **a deixar a Granja do Torto**.

Mesmo deixando tantas dúvidas sem resposta, este trabalho atingiu o objetivo maior que era o de mostrar que infinitivo e gerúndio não podem pertencer ao mesmo fenômeno sintático, já que ocupam posições diferentes na estrutura, o que explica, inclusive, as diferenças de sentido que surgem entre sentenças como as apresentadas em (1) e (3), logo no início deste estudo.

Além disso, a distinção entre gerúndio e infinitivo ajudou a compreender por que somente *começar a* foi tradicionalmente considerado um auxiliar aspectual. A dificuldade que surge, entretanto, é pensar num auxiliar que se combina com um NP. Talvez o melhor seja adotar somente o termo "aspectual", que condiz plenamente com as características do verbo estudado,

⁹⁵ Observe que verbos como *parar de* e *deixar* não costumam ser aceitos aolado de *começar* por não serem, *a priori* capazes de denotar um intervalo de tempo ou de serem faseados. Além disso, tratam-se de outros aspectualizadores. Daí a agramaticalidade de:

(viii) * O escritor começou a parar de escrever.

(ix) * A professora começou a deixar a profissão.

sem carregar as dificuldades que envolvem a questão da auxiliaridade. Espera-se que este trabalho tenha contribuído para o estudo deste tema, trazendo novas perspectivas para os que se aventuram a compreender as perífrases com verbos aspectuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AISSSEN, Judith. *Tzotzil auxiliares*. In: *Linguistics*, 32. Walter de Gruyter, 1994.
- ALMEIDA, João de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: ILHPA - HUCITEC, 1980.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1977.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 10 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- BELLETTI, Adriana. *The Case of unaccusatives*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 19, n. 1, 1988.
- BURZIO, Luigi. *Italian syntax: a government-binding approach*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- CANÇADO, Márcia. *Os papéis temáticos*. (versão ampliada de "Hierarquia temática e o português brasileiro", a publicar)
- CASTILHO, Ataliba T. de & MORAES DE CASTILHO, Célia. *O aspecto verbal no português falado*. VIII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado. Grupo de Trabalho de Sintaxe I, Campos do Jordão, outubro, 1994.
- CHOMSKY, Noam. *Categorias e transformações*. In: _____. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho, 1999.
- COMRIE, Bernard. FRAUENFELDER, Uli. *The verbal complex in Gurinerdeutsch*. In: *Linguistics*, n. 30. Walter de Gruyter: 1992.
- CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DASCAL, Marcelo. *Começamos a acabar de começar (?)*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.3, Campinas: FUNCAMP, 1982.

- DOWTY, David R. *The Aristotle - Ryle - Kenny - Vendler verb classification*. In: _____. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.
- DUBINSKI, Stanley. *Syntactic underspecification and light verb phenomena in Japanese*. In: *Linguistics*, Walter de Gruyter, 1997, v. 35.
- ELISEU, André Manuel Godinho. *Verbos ergativos do português: descrição e análise*. Lisboa: Dissertação de Mestrado, 1984.
- EMONDS, Joseph. *The verbal complex V' - V in French*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 9, n. 2. MIT: spring, 1978.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1940.
- FREED, Alice F. *The semantics of English aspectual complementation*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.
- FOLTRAN, Maria José. *A interpretação aspectual das formas nominais do verbo*. GEL, 2001.
- _____. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1999.
- GONÇALVES, Anabela Proença Leitão Martins. *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa, 1999.
- GRIMSHAW, Jane. *Argument structure*. In: *Linguistic Inquiry monographs*, 18. MIT: 1994.
- GRIMSHAW, Jane. MESTER, Armin. *Light verbs and θ -marking*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 19, n. 2, MIT: Spring, 1988.
- HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to Government & Binding Theory*. Oxford: Blackwell, 1991.
- HORSTEIN, Norbert. NUNES, Jairo & GROHMANN. Kleanthes. *The Minimalist Project*. In: *Understanding Minimalism: an Introduction to Minimalist Syntax*. (a publicar)
- _____. *Some architectural issues in a Minimalist Setting*. In: *Understanding Minimalism: an Introduction to Minimalist Syntax*. (a publicar)
- _____. *θ -Domains*. In: *Understanding Minimalism: an Introduction to Minimalist Syntax*. (a publicar)

- HEIM, Irene. KRATZER, Angelika. *Semantics in generative grammar*. Malden: Blackwell, 1988.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCK, Josse de. *Pour une nouvelle définition de la notion d'auxiliarité*. In: *Linguistique*, vol. II, fasc. 2, 1975.
- KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática para a explicação da nova nomenclatura gramatical*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- LARSON, Richard K. *On the double object construction*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 19, n. 3, MIT: Summer, 1988.
- LEITNER, G. *Begin and start in British, American and Indian English*. In: *Hermes, Journal of Linguistics*, no. 13, 1994.
- LEVIN, Beth. HOVAV, Malka Rappaport. *Unaccusativity - at the syntax-lexical semantics interface*. Linguistic Inquiry Monograph, 26. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1995.
- MARANTZ, Alec. *The minimalist program*. In: Gert Webelhuth (ed.) *Government and binding theory and the minimalist program*. Blackwell: Oxford & Cambridge, USA.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alli*. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- MIOTO, Carlos. SILVA, Maria Cristina Figueiredo. VASCONCELLOS, Ruth Elisabeth. *Manual de sintaxe*. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2000.
- NASCIMENTO, Sílvia Helena Novato do. *Inacusatividade no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.
- PALMIERE, Denise Telles Leme. *A aquisição de verbos inacusativos por crianças brasileiras*. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, set, 2001.
- PERINI, Mário. *A gramática gerativa - introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília, 1976.
- _____. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1998.
- PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis: Vozes, 1973
- RADFORD, Andrew. *VP shells*. In: _____. *Syntax - a minimalist introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1992.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- ROCHETTE, Anne. À propôs des restrictions de sélection de type aspectuel dans les complétives infinitives du français. In: *Langue Française*, Larousse, décembre, 1993.
- _____. *Semantic and Syntactic Aspects of Romance Sentential Complementation*. Montréal: Université de Montréal, 1988.
- SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SCHER, Ana Paula. *Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve?* (a publicar).
- _____. *Dois verbos leves: evidências das construções com o verbo leve dar em português brasileiro*. (Resumo). ENAPOL, USP, 2001.
- SENNA, Luiz Antonio Gomes. *Classes de palavras, comunicação e cognição*. Rio de Janeiro: Fac. Educação/ UERJ, 1998. Versão virtual acessada em <http://members.tripod.com/~lasrj1>
- SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza. KOCH, Ingedore Villaça. *Flexão verbal*. In: *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 1997.
- SWAM, Michael. *Practical English Usage*. Oxford, Oxford University Press, 1996.
- TORREGO, Leonardo Gómez. *Perífrasis verbales*. Madrid: Arco/ Libros, 1988.
- VEENSTRA, Tonjes. *Verb serialization and object position*. In: *Linguistics*, 2000, vol.38-5.
- VENDLER, Zeno. *Verbs and times*. In: _____. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.